

Alencar e Silva

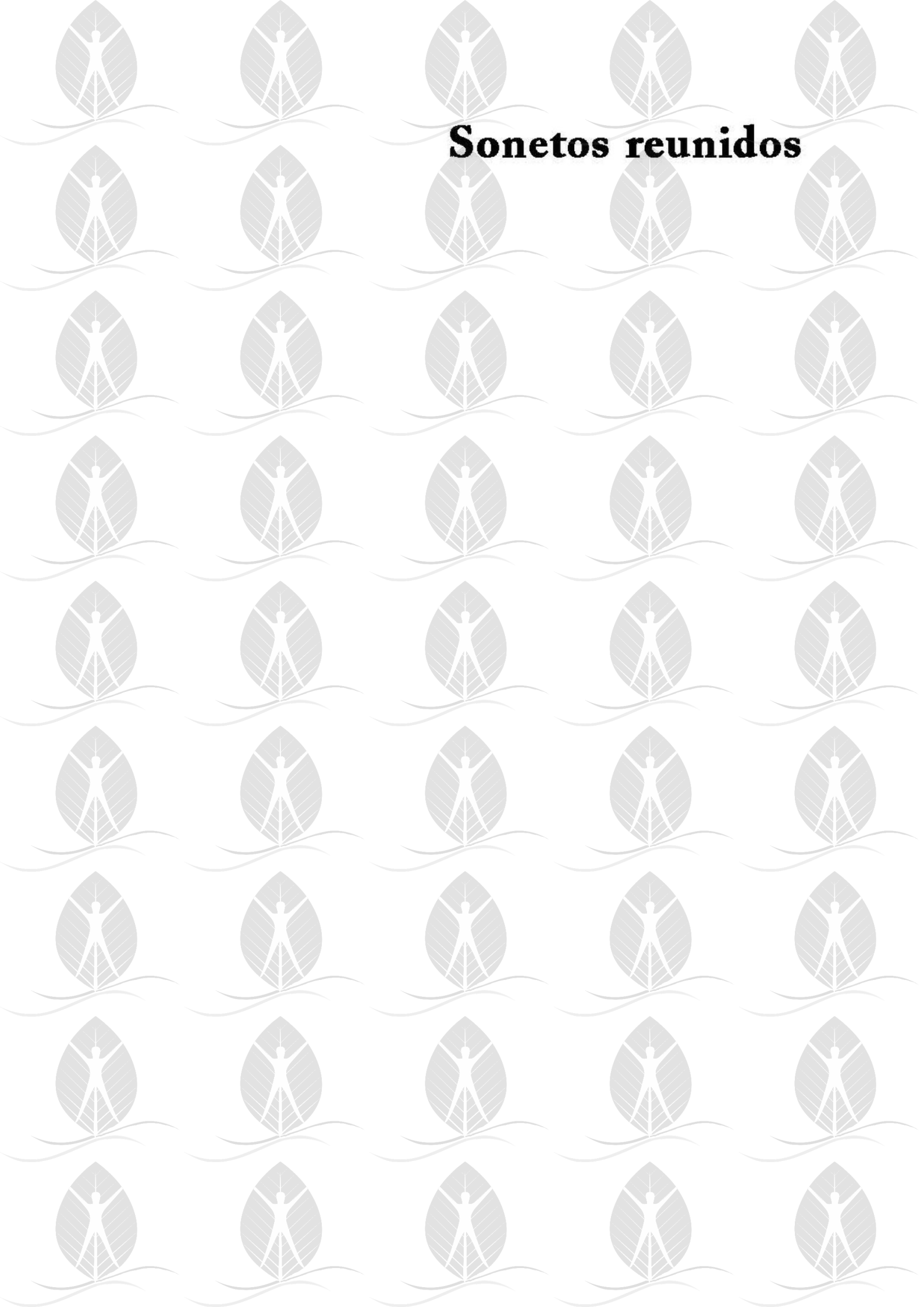
SONETOS REUNIDOS

Coleção Pensamento Amazônico
Série Violeta Branca - v. 6

Manaus - AM

2011

Sonetos reunidos





DIRETORIA DA AAL
BIÊNIO 2010/2011

Presidente
José dos Santos Pereira Braga

Vice-Presidente
Tenório Nunes Telles de Menezes

Secretário-Geral
Almir Diniz de Carvalho

Secretário-Geral Adjunto
Carmem Novoa Silva

Tesoureiro
Arlindo Augusto dos Santos Porto

Tesoureiro Adjunto
Abrahim Sena Baze

Diretor de Patrimônio
Moacir Couto de Andrade

Diretor de Eventos
Cláudio do Carmo Chaves

Diretor de Edições
Marcus Luiz Barroso Barros

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
Avenida Ramos Ferreira, 1.009
Cep 69010-120
Centro - Manaus - AM



ALENCAR E SILVA

Membro da Academia Amazonense de Letras

Sonetos reunidos

Coleção Pensamento Amazônico
Série Violeta Branca – v. 6



Manaus – Am
2011

Copyright © 2011 Academia Amazonense de Letras

Editor
Marcus Barros

Comissão Editorial
Luiz Maximino Corrêa
Márcio Souza
Euler Ribeiro

Revisão
Benayas Inácio Pereira

Editoração eletrônica e capa
Editora Aram

Ficha Catalográfica

Silva, Alencar e.
Sonetos reunidos. Manaus: Academia Amazonense de
Letras, 2011.
206 p. (Coleção Pensamento Amazônico. Série Violeta Branca.
v.6)

ISBN: 978-85-64341-09-8

1. Poesias (Amazonas) I. Título Silva, Alencar e.

CDD 342.56 (811.3)

Pensamento Amazônico

Certa vez, e já se vai aí um bom tempo, perguntaram a Fernando Freyre, então presidente da Fundação Joaquim Nabuco, prestigiosa instituição cultural e de pesquisa sediada no Recife, por que nos retratos de seu fundador Gilberto Freyre, autor de *Casa-Grande e Senzala* e centenas de livros igualmente monumentais sobre os brasis, sua cultura e sua gente, por que nos seus retratos espalhados em vários centros de cultura do País não constava o ano de sua morte, mas, tão somente, a data do nascimento. E Fernando respondeu ao desavisado interlocutor: porque Gilberto Freyre não morreu e não morrerá nunca! Na resposta, não apenas o sentimento de amor filial, a admiração pela figura extraordinária de um dos maiores pensadores do País, mas o verdadeiro e inequívoco sentido da imortalidade nas letras, a imortalidade do pensamento.

É certo que não só por meio da palavra os mortais podem passar à posteridade, tão significativos e ilimitados são os fazeres e as formas de expressão da inteligência criadora do homem. Mas, por meio da palavra que nos singulariza como seres racionais existentes, tem o homem a possibilidade de ultrapassar-se e manter-se presente no mundo além dos limites e contingências de sua efêmera existência material.

Vocação das academias de Letras, a palavra é o seu próprio ofício. Por meio da palavra, das letras, é que se consagra a imortalidade acadêmica. Por isso, o livro foi e será sempre condição de existência das academias, sua própria razão de existir. Grande é o acervo de obras da Academia Amazonense de Letras nos mais variados campos do conhecimento e da erudição humana, nestas nove décadas de existência. Ontem, como hoje, o infatigável e profícuo labor acadêmico!

Na persecução das suas finalidades e para assistir aos imortais na persistente vigília, lança-se a Academia Amazonense de Letras a uma nova empreitada no campo editorial, em parceria com as secretarias de Cultura do Estado e do município, mediante a *Coleção Pensamento Amazônico* com duas séries para contemplar os saberes que dialogam nesta Casa: *Série Violeta Branca*, reunindo poesia, conto, crônica, romance, e *Série André Araújo* destinada aos ensaios no amplíssimo campo do conhecimento científico. A exemplo da Academia Brasileira de Letras, nossas edições terão selo próprio, assegurando-se, desta forma, maior dinamismo nas publicações.

A palavra em Alencar e Silva é harmoniosa, concisa, lapidar. "Sonetos reunidos" é uma síntese magnífica do fecundo labor desse apóstolo da poesia, como disse Max Carpentier ao exaltar-lhe as virtudes e a grandiosidade de sua obra.

O imponderável silêncio privou-nos de celebrar com o poeta e amado confrade o novo livro, que a Academia Amazonense de Letras publica para reverenciar a sua memória e luminosa trajetória.

José Braga

Presidente da Academia Amazonense de Letras



Sumário

- 11 APRESENTAÇÃO
- 17 I – SONETOS DE "PAINÉIS"
- 74 II – SONETOS DE "LUNAMARGA"
- 87 III – SONETOS DE "TERRITÓRIO NOTURNO"
- 103 IV – SONETOS DE "SOB VÉSPER"
- 107 V – SONETOS DE "SOB O SOL DE DEUS"
- 121 VI – SONETOS DE "OURO, INCENSO E MIRRA"
- 171 VII – SONETOS DE "SOLO DE OUTONO"
- 195 VIII – SONETOS DE "CREPUSCULARIUM"
- 203 IX – SONETOS DIVERSOS
- 205 BIOGRAFIA DO AUTOR

Apresentação

Escrever sobre o poeta Alencar e Silva, sobretudo quando o tema recai nos sonetos reunidos neste volume, somatório de uma vida inteira dedicada à poesia, antes de ser uma tarefa que nos empolga, é um dever que nos desarma diante de tantas facetas de sua vida e de seus múltiplos recursos de escritor preocupado em fixar pormenores da história cultural da geração madrugada, de cujos primórdios datam as primeiras estrofes de sua pena versátil.

Ainda jovem, em Manaus, escrevia e publicava sonetos, poemas, artigos e crônicas nos matutinos e vespertinos de maior circulação, inclusive na revista de Anísio Mello, “Amazonas Ilustrado”, de 1952, ano este que marca sua estréia na poesia, com o livro “Painéis”. Em 1951 participou de uma caravana de poetas que demandara o Sul, Sudeste e extremo-Sul do País, com paradas obrigatórias no Rio de Janeiro e São Paulo, estando esse grupo constituído pelos seus amigos de então e de sempre Farias de Carvalho, Antísthenes Pinto e Jorge Tufic. Numa segunda viagem dessa caravana, passaria a integrá-la o inesquecível Guimarães de Paula. Segundo historiadores, essas duas incursões dos “caravaneiros”, também chamados de “monges”, se inscrevem nos antecedentes do movimento madrugada, surgido em 1954, ou seja, um ano após seu retorno definitivo a Manaus, em cuja praça do Pina deu-se o encontro da geração que tomaria seu nome: a “geração madrugada”.

Um raro depoimento sobre Alencar e Silva é de Arimathéa Cavalcante, completamente avesso a qualquer manifestação desse tipo. Segundo esse mestre, também poeta e dos bons, “ALENCAR E SILVA é um Midas admirável. Moderno. Tem o dom mágico de transfor-

mar, não no ouro que não tem importância para ele, mas em poesia tudo aquilo que toca. Respira poesia, e é dela que o mundo de hoje mais precisa, porque sendo mescla de prazer e dor, é sobretudo natureza, amor, vida, é Deus que vem para dar um novo alento ao mundo em rotação” (“Território Noturno”, Coleção Madrugada, 2003). Para Max Carphentier, no prefácio de “Noturno Após o Mar”, livro de crônicas e poemas em prosa do autor deste livro, “Alencar e Silva pertence a essa corporação restrita de reveladores-salvadores do divino-humano, dos que, esperançosamente sós, se fortaleceram e se consumaram, e se aceitaram majestosamente tristes, sabiamente sombrios, numa estratégia apostolar milimetrada, para poderem preparar, a partir mesmo do cerco das sombras, a hora da alegria”.

Acha-se também, e com justiça, incluído na antologia de André Seffrin, “Roteiro da Poesia Brasileira” – ANOS 50, Global Editora, SP, 2007, sob a direção de Edla van Steen, – parte de uma série que trata das raízes até o ano 2000, um instrumento auxiliar e da maior valia para o estudo das fases e dos processos criativos de nossa literatura. “Os anos 50 foram os períodos mais férteis da poesia brasileira do século XX”. Tempo de grandes aventuras formais, suplementos literários, debates, performances. Fazendo coro às mudanças e inovações, Alencar e Silva foi um dos teóricos da “poesia de muro”, apoiada pelo Clube da Madrugada e outras correntes estéticas que fizeram história.

“Poesia Reunida” é de 1987, com três livros, apenas, de sua laboriosa oficina, editados entre 1965 e 1986. Apresentando-a, discursava o poeta e cronista L. Ruas, de saudosa memória: “Gostaríamos apenas de dizer que Alencar e Silva comprova, na edição desta obra conjunta, que permanece fiel a si mesmo, o que equivale dizer que permanece fiel à sua singular vocação poética”. E Elson Farias, no prefácio à primeira edição de “Lunamarga”, não deixa por menos: “O livro que temos em mãos, além do timbre pessoal característico da expressão autêntica, traz as melhores qualidades da atual poética brasileira: profundidade mítica,

angústia, a palavra existindo livre dos luxos supérfluos e do comum, dolorosamente sofrida e recriada no espaço vital do seu mundo”. A fortuna crítica tonteia pelas celebridades: José Alcides Pinto, Ramayana de Chevalier, Arthur Engrácio, Antísthenes Pinto, Genesino Braga, Guimarães de Paula, Anísio Mello...

Na qualidade de homem público e braço de Governo, sobressai-se como diretor-presidente da Imprensa Oficial do Estado, fazendo editar o Suplemento Literário Amazonas, que circula de novembro de 1986 a outubro de 1988. Nada disso por conta do Estado, senão por meio de um acordo feito junto aos assinantes do Diário Oficial, com alguns centavos a mais nas respectivas assinaturas. Foram, na verdade, vinte e quatro edições e uma distribuição nunca visto antes por toda a América do Sul. Além disso, pagavam-se as colaborações selecionadas pela Comissão Editorial e a ninguém, que eu saiba, negara-se acolhida em suas páginas abertas, quer para todos os amazonenses, quer para escritores de outros Estados brasileiros. Por falta de maiores aproximações ou tempo para isso, valeu-se o diretor-presidente daqueles companheiros do Clube da Madrugada que aparecem no expediente, sem, contudo, discriminar ou cercear a iniciativa de normas ou preconceitos temáticos ou linguísticos, muito menos grupais ou pessoais. Em tão pouco tempo à frente do órgão, nem por isso deixara, também, de apor o seu visto favorável à publicação de obras importantes da literatura amazônica.

Assis Brasil, no volume “A Poesia Amazonense no Século XX”, relembra que Astrid Cabral haveria de destacar o veio romântico e “o equilíbrio clássico” da poesia de Alencar e Silva, toda vazada em “dicção despojada e serena”. Enfim, “amazonense e brasileiro por circunstâncias biográficas, podendo aplicar-se a Alencar e Silva a verdade pessoana: sua pátria é a língua portuguesa”. E vai mais longe na pesquisa a que sabe imprimir o calor da descoberta: “Escrevendo desde adolescente, entre poemas e primeiros livros publicados, ativa colaboração nos jor-

nais de Manaus, “A Tarde”, de Aristóphano Antony, e “A Crítica”, de Umberto Calderaro Filho. O jornalismo literário foi feito em “O Jornal”, onde o Clube da Madrugada mantinha um importante suplemento e no “Jornal-Cultura”, da Fundação Cultural do Amazonas, de que foi secretário e editor”. Digressões necessárias, já que o nosso Alencar é, antes do mais ou do menos, poeta. Um poeta universal desde que nascera, e mais que universal, cósmico, já que até mesmo o ponto geográfico de seu nascimento, em Fonte Boa-AM, as enchentes cíclicas arrastaram para o oceano atlântico.

Mas foi o professor e crítico Arimathéa Cavalcanti, o autor que melhor estudara o poeta no livro citado linhas atrás, estudo esse o qual, pela extensão e planejamento, tem-nos encaminhado para uma compreensão global de sua obra poética. Deste modo, esclarece: “Pude agora ultimar a análise, sem caráter definitivo, mas de modesta contribuição, na certeza de uma verdade insofismável: a obra enriquece espiritualmente a quem quer que a folheie, pois o livro – Território Noturno, de Alencar e Silva, propõe amplas reflexões, eis que abrange aquelas regiões oníricas onde nem sempre mergulham escafandristas neófitos, na tentativa de desvendar-lhe quando não o hermetismo, ao menos a aura de enigma criada pelos símbolos, ajudados do próprio autor, em comparações e confrontos textuais”. Ressalta o lírico, percebe vagamente a presença de um neo-misticismo em algumas de suas escritas, dando-nos, afinal, uma investigação crítica dificilmente encontrada em monografias da espécie.

Poeta maior, escritor extensivo aos mais difíceis gêneros literários, memorialista que faz a história de sua geração e do Clube da Madrugada, Alencar e Silva conta com os seguintes livros publicados, entre prosa e poesia: “Painéis”, poesia, 1952, “Lunamarga”, poesia, 1965, “Território Noturno”, poesia, 1982, “Sob Vésper”, poesia, 1986, “Poesia Reunida”, 1987, “Noturno Após o Mar” (crônicas e poemas em prosa), 1988, “Sob o Sol de Deus”, poesia, 1992, “Ouro, Incenso e

Mirra” (poema em cinco segmentos e cinquenta sonetos), 1994, “Solo do Outono”, poesia, 2000, “Jorge Tufic: As Tendas do Caminho”, ensaio, 2004, “Crepuscularium”, poesia, 2006. A sair, tem o autor os seguintes títulos: “Prosa Vária”, ensaios, e “Poetas e Figuras na Paisagem”, ensaios. Entretanto, como um de seus velhos companheiros, sou testemunha das inumeráveis ocasiões em que a Musa lhe dera aquele sopro extra para compor sonetos e poemas, satíricos ou não, com o único objetivo de exercitar as falanges, expor deformidades ou tirar-nos de certos apertos em nossos caminhos pelo mundo. Um fato no mínimo grandioso, ocorrido em São Paulo (1951), ao ensejo da visita que fazíamos à sede da Prudência e Capitalização, na tentativa de obtermos apoio às nossas viagens de Caravaneiros da Cultura, foi Ramayana de Chevalier, secretário particular de Adalberto Vale, superintendente da empresa seguradora, quem nos sugeriu a ideia de formularmos o pedido que tínhamos a fazer, por meio de um soneto. Sem demora, Alencar e Silva tomou a si o desafio, redigiu, com a maior tranquilidade, os quatorze versos solicitados, e, assim, com este “passaporte”, oficializamos palestras e contatos em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.

A obra de que estamos nos ocupando reúne todos ou quase todos os sonetos do autor, recolhidos das páginas de oito títulos, com mais alguns avulsos, sem falar nos improvisos ou nas circunstâncias poéticas ou de foro íntimo. Sem falar, também, nos rejeitos que vamos deixando nas cestas do lixo, nem sempre merecedores desse trágico destino. Egresso do rigor parnasiano, do neossimbolismo e dos versos livres que trazíamos conosco do Sul do País, a estrutura do soneto alencarino é simples, funcional e profundamente sugestiva, quando retarda ou deixa ao leitor a fruição da beleza e da verdade “Quero enxuto o meu verso e muito simples”. Em “O Soneto no Amazonas” (p. 22), eu destaco esse verso de um soneto de “Lunamarga” como exemplo de “linhas calmas e transparentes, despojado de lugares-comuns e dos artifícios postos em prática, na ânsia de inovação, por certos autores da corrente futurista”.

Já é hora, contudo, de entregar ao leitor este livro do poeta, representativo, como se verá, de uma de suas paixões literárias, talvez a maior, que é a arte do soneto. Mas Alencar e Silva é poeta em qualquer situação, gênero ou categoria. Um belíssimo poema ele carrega, também, no afeto e na convivência humana, de que nunca, jamais, enquanto vivermos, podemos nos esquecer.

Jorge Tufic

I – SONETOS DE "PAINÉIS"

Sugestões de Aurora

Há um rumor de clarins e de flautas selvagens
Nas manhãs de ouro e luz do meu verde torrão.
Tôda a Selva a acordar-se em um sonho pagão,
As carícias de amor que há na voz das aragens! ...

Vê-se a luz escorrendo, em cristal, nas folhagens...

- E o orvalho a cantar uma loira canção,
Como o lago é uma harpa, esquecida no chão,
A vibrar acordando os ninhos nas ramagens!...

Tudo é como um cenário onde silfos e fadas
Abrem cenas de amor, enfeitando as estradas...
E é tão grande a emoção que sugere a manhã,

Que a minha alma de artista, escondida entre as flores,
Vê mil ninfas bailando o um delírio de amores,
E eu soprando, a sonhar, minha fráuta de Pã!...

Alvorada Amazônica

Rola no espaço a música dos lagos! ...
E qual se fosse o bandolim do amor,
Que despertasse, em divinal langor,
Da Natureza em meio aos dedos magos!

A tudo envolve esse sonoro olor,
Em sons e beijos, – musicais afagos! –
E a madrugada, entre suspiros vagos,
Beijo das águas o espelhante alvor!...

Tudo parece transpirar delírios,
Quando a manhã, com a limpidez dos lírios,
Desperto em sons e luzes ... – re florida!...

E quando as garças surgem pelas margens,
Desperta o lago! e, então, nessas paisagens
Há pleto ras de Luz! de Amor! de Vida!...

Concerto Panteísta

Há instrumentos que vibram na floresta,
Em luz e sons, o poema das folhagens,
Quando os véus da manhã soltam, em festa,
Do reinado da aurora os loiros pagens!

E um cântico de luz que à selva empresta
A voz suave das plácidas aragens,
Junto ao coro dos pássaros! – seresta
Matinal entre róscidas ramagens!...

Porém, isso é o prelúdio... Quando a destra
Do dia afoga a noite, a loira orquestra
Da luz torna seus ritmos mais bravios!

Pois, quando o Sol sacode a cabeleira,
– Qual pomposo Maestro, – a selva inteira
Torna-se um coro à orquestração dos rios!...

Estética do espaço

A Anísio Mello

Agonia de luz. A tarde expira
Num crepúsculo rosado e evocador!...

– Numa tela de sonho em que transpira
O esteta e ardente gosto do Pintor!...

Do espaço à cena imensa o sol atira
Seu último clarão... Branca de amor,
A noite o vê ainda. Pois surgira
Sem vestes, sem as gazas do negror!

Pomposo instante: a treva e a luz se abraçam!
Meias tintas... e as cores se embarçam
Num desmaio de luz... e entre desvelos,

Qual dama, a noite invade a sala... em festa!
Traz brilhantes – num véu descido à testa!
Lantejoulas – no manto e nos cabelos!...

Em louvor do soneto

Grades feitas de luz e de excelências,
Onde o pássaro canta e o astro explende,
És, – ó ninho doirado das essências! –
A luz que à luz a mão da luz suspende!

No teu colo de pluma e confidências,
O artista, em ânsias, quanta vez acende
Astros e sóis em simples reticências,
– Gaiola de ouro que universos prende!

Tens o poder das sínteses supremas!
E és penachos de luz e és diademas,
O pensamento abrindo em resplendores!

E – ó ninho d'arte ! – És o clarão risonho
Que se faz sol e amor e glória e sonho,
Dentre um grilhão de plumas e de flores!...

Anseio de amplitude

Asas do sonho meu! Condor bendito,
Abre as asas ao sol destas conquistas!
Leva, em gemas de luz e entre ametistas,
Meu grito às penhas todas onde habito!

E, às refrações de sóis deste meu grito
Ao coração de todos os artistas,
Vá, destas penhas sobre as loiras cristas,
Meu coração pulsando no infinito!...

Esbraseia esses olhos! Fita o sol,
Condor! e, ao ouro e às rosas do arrebol,
Tece, – em felpas de luz, – uma coroa!

E, sonoro, a buscar da glória as senhas,
Possas voar, acima destas penhas,
Nas torrentes de luz que a luz povoa!...

Eleito

A Hemetério Cabrinha

No caminho das almas desoladas
Vais seguindo a sonhar, alma secreta...
Transformando em perfumes e alvoradas
Teu coração de monge e de poeta.

Os teus prêmios serão as madrugadas
E o perfume do lírio e da violeta,
Sem pousar nunca o tédio das estradas
Em tua alma de luz, sonora e esteta.

Teu destino é o das almas silenciosas,
Que, além de espinhos transformar em rosas,
Vão, em azuis e brandas caravanas,

Escalando Himalaias e Everestes,
E abrindo as portas das mansões celestes
Para acolher as legiões humanas!...

*As ideias**Ao Guimarães de Paula*

A arte, – ourives da ideia e da grandeza, –
Sonha e lapida suas joias louras,
Nimbando-lhos de harmônica pureza
À luz das ânsias purificadoras!...

Vezes, – promanam de uma profundeza
De oceano; outras, – de escarpas sedutoras!
E se destocam como estrela acesa
Ou rosas e ouro colorindo auroras!...

Elas são ânsia, são desejo, – e febre
Que nos faz que a alma vibre e que se quebre
Nas nossas mãos o cálice dos dores!...

São pérolas, diamantes e corais,
Que dos mares e penhas a alma traz!
– Poeiras de luz em asas de condores!...

O poeta

e Ei-lo que vai seguindo... ei-lo sangrando
Os pés pelos espinhos das estradas...
Cabelo solto ao vento, ei-lo sonhando
Alheio ao sol e à fúria das nortadas!...

Solene é o passo seu... de quando em quando,
Cercam-lhe a fronte loiras alvoradas!
E o seu olhar, como é profundo e brando,
Perdido nas distâncias alongadas!...

Caminha calmo e só o visionário...
E, como um Cristo, demandando os sonhos,
Vai seguindo das artes ao calvário!

Marca-lhe o passo a dor, mas dos seus rastros
Brotam lírios de luz, – como risonhos
Caminhos d'alma se cobrindo de astros!...

Ascensão

Na torre azul do sonho eu fui, um dia,
Planger os sinos de ouro da ilusão...
Do puro – tendo a cândida alegria!
Do artista – os raros símbolos na mão!

Subi... e quanto mais alto eu subia
Nossa escada-espiral, sem corrimão,
Mais perto então da glória me sentia!
Mais distante do pó me via, então!

À proporção, porém, que a ia galgando,
Os degraus iam-se multiplicando...
– E eu já transpunha, em voos, regiões azuis!

E compreendí, por fim, nessa vertigem,
Que eu regressava ao meu país de origem,
De harmonias, de sons, de amor, de luz!...

A América Antoni

Este soneto é para ser lido por aqueles que têm uma ideia nítida do que seja o ascetismo miraculoso do grande cantor do Amazonas, em toda a extensão do significado triunfal da sua poesia.

Dos mistérios da selva, dos negrumes
Onde o sonho do artista abriu estradas,
Ei-lo que faz sangrar mil alvoradas,
Entre explosões de luzes e perfumes!...

“ – Que ser, assim corado de áureos lumes,
“ Arma, nas frondes, vírides arcadas?
“ Que mãos, assim em músicas banhadas,
“ Vão transformando em luz tantos queixumes?...

Eu perguntei: e entrando essa floresta,
Banhado em luz e os pés sangrando rotos,
Vi-te, triunfal, regendo estranha orquestra!...

E, voz do lago e alma desse tesouro,
Adormecido no **Jardim dos Botos**,
Vi-te boiando numa espuma de ouro!...

Vos

Mudos, rolando entre penhascos nus,
Tingindo em sangue do rochedo as cristas,
Em vertigens de olímpicas conquistas,
Tombam meus sonhos gotejando luz!

Pompas, pompas de sóis por céus azuis,
Troncos de ideias, corações de artistas,
Em comburências roxas de ametistas,
Rolam sangrando entre penhascos nus!

E, ó do Selete corações vibrantes!
Águias em quedas triunfais, brilhantes,
Flameja a luz em vossos corpos tristes!

E oh! Consolo ideal, asas quebradas:
– Ver-vos assim de audácias salpicadas:
Esse pó das alturas que atingistes!...

Durante a Música

*Ao mestre Freitas Pinto, alma penetrantíssima
de Artista*

Música ao longe... trapos do passado
Drapejando em surdinas na minha alma...
Incenso azul que fluidifica e espalma
Todo o meu ser em sons volatizado...

Músico ao longe... e, espiritualizado,
Todo o meu sonho entre os bemóis da calma,
Tem a elegância mística da palma
Que vento beija em hinos transformado!...

Música ao longe... estranhas suavidades...
Branco dilúvio... pálidas saudades...
Perfume antigo lembrando rosas...

Música ao longe... Calma de montanha
Que adormeceu à sinfonia estranha
De uma chuva de plumas silenciosas!...

O campo santo

Ao José Carlos Barroso da Costa Lima

Dentro de mim existe um campo santo...
Um cemitério branco e solitário,
Onde, à noite, esvoaça a voz de um canto,
Ao som de um misterioso estradivário!...

Vai entre as lousas essa voz, que é pranto,
Espalhando um perfume funerário...
E o próprio céu tem ímpetos de espanto,
Ante o macabro aspecto do cenário!...

Lá minha alma passeia ao luar das dores,
Arrastando alvo manto sobre as flores,
– Rubros pedaços de meu coração!...

E seu tédio transforma-se em loucura,
Ao gargalhar de dor à noite escura,
Beijando um sonho morto ou uma ilusão!...

O monge

Tenho em minha alma um monge e um convento
E à alameda tocada de tristores,
Desce um luar enfermo e sonolento,
Filtrando-se num véu de ignotas dores!

O monge, às vêzes, vaga à chuva e ao vento,
Com o cajado esmagando as brancas flores!
E gargalha aos trovões e ao firmamento,
Tomado de crudélicos furores!...

Depois... tudo se acalma e, atro e tristonho,
Ante a igreja nua e o altar deserto,
Adormece e mergulha em longo sonho...

E ele revive, então, todo o passado:
– A aurora de ouro em que estivera perto
Das alcovas da glória e do pecado!...

Idealizado

O amor que idealizei para minha alma
Na fluidificação de instintos rudes,
É uma aurora de estranhas juventudes
Que o sonho meu de mil canções ensalmo.

Idealizei-o na sonora calma
De um bosque, entre violinos e alaúdes,
E ele é feito de essências e virtudes
Como o nascer de uma esquisita palma.

Fruto da terra onde enterrei mil sonhos,
Traz ele aos olhos os clarões risonhos
De auroras verdes em caminhos tortos...

Filho da morte de uns pequenos nada,
É o transunto da luz das alvoradas,
Na glória viva dos meus sonhos mortos!...

Sobre a rocha

Como me dói rever-te, ó mar imenso,
Com os olhos mergulhando os horizontes!...
Ai, são meus olhos duas tristes fontes,
Ou dois turíb'los derramando incenso!...

O astro da dor agora está suspenso,
Velando o mar e a solidão dos montes...
Barco do amor! que nunca mais apontes
Na orla de abismos do horizonte extenso!

Tudo se esfez, ó alma azul de criança,
Na morta madrugada da esperança,
Dentre o fragor de temporais medonhos!...

Resta-te apenas lembrar chorando,
A ira do mar, atro, abismal, tragando
As coloridas velas dos meus sonhos!...

Regresso

Foi na manhã da vida... Um céu de encanto
Suspendia nos braços um sol louro!
E era a manhã das rosas como um canto
De rouxinóis – esses violinos de ouro!...

Parti cantando e tendo aos pés um manto
Que me levava a um róseo logradouro!
Nunca as luzes do amor brilharam tanto,
Nem de glórias se vira igual tesouro!...

E eu me abrasei no sangue dessa aurora!
Amei voando numa luz sonora,
Cantando e rindo ao coração da dor!...

E eis-me de volta... E as ilusões!?!... Oh, drama!
Aves mortas... E o sol, frio, derrama
As violetas de um céu, sem luz, sem cor...

Delírios de um monge

“Meu Deus! basta de tanto sofrimento
“À alma que sangra à ponta dos espinhos!
“Dá-me a beber o encanto de um momento,
“Das alegrias nos rosados vinhos!

“Dá-me a sorver nos hálitos do vento
“As músicas do amor, pelos caminhos!...
“Quero olvidar meu áspero tormento,
“Buscando a paz harmônica dos ninhos!...

“Quero esquecer os séculos nevoentos
“Desses profundos, místicos tormentos,
“Das minhas horas de meditação !

“Abranda-me, Senhor, as negras urzes!
“Se minha alma nas cismas ganha luzes,
“– Pede-me amor e vinho o coração!...

Introspecção

Entre emoções de estranhas badaladas,
Quebrou-se-me o silêncio! e a catedral
Dest'alma, com suas góticas arcadas,
Se estremeceu em vozes de cristal!...

E as cortinas da dor, então baixadas
Às portas desse templo, ora spectral,
Tremiam sob frígidas lufadas,
Num simbolismo tétrico e letal!

... Depois, o coração, – velho sineiro, –
Num desmaio de vida, (o derradeiro),
Tombou do alto da imensa escadaria!...

Toda a tragédia consumada estava...
– O esquife do meu sonho alí chegava...
– E o templo... – era o ataúde da poesia!...

Sem título

Erguida no final de uma sinistra estrada
Com heras no lugar do cândido canteiro,
Minhalma é a mansão de há muito abandonada,
De que se fez o amor o lúgubre chaveiro!

Toda alma que vai lá, em vendo sua fachada
E os cravos germinando, enfermos, no terreiro,
Não pode reprimir um grito, e, horrorizada,
Afasta-se... ao sentir o seu funéreo cheiro!...

E enquanto, à noite, o vento arranca do arvoredo
Negras nênias de dor, em vibrações de medo,
Falando do passado azul de claros céus,

– Lá dentro, o gargalhar ! vibrando um alaúde!
Se vê o amor velando, a um tétrico ataúde,
As formas sem calor dos próprios sonhos seus!...

Pompeia

O amor só se assemelha a um vulcão
Como o vesúvio, – e sempre chamejante!
Fascina e atrai, como uma sedução,
O artista, o sábio, o sonhador, o amante!

Imenso é o seu poder ! Pela região
Que vemos à cratera circundante,
Se ouvem músicos rubros, a impressão
Que alguém nos chama com uma voz cantante!...

E eu ergui junto a ele um paraíso...
É a cidade do sonho e do sorriso,
Com estátuas, templos e jardins... e arte!

Mas... seu destino é o mesmo de Pompeia:
No seu auge, – o vesúvio se incendeia,
– Soterrando ilusões por toda parte!...

Peregrinos

A poesia, o país do pensamento,
Onde a luz do ideal as almas banha,
É um recanto de sonho e sofrimento,
Onde se galga colossal montanha!

É uma terra onde há músicos no vento
Que cabeleiras de mirtais assanha,
E mistérios no riso e no lamento
Tem o que habita essa região estranha!...

Alguns por lá caminham desfolhando
Às ilusões!... São pássaros cantando
À aurora e o sonho na manhã das flores!...

E outros, como eu, que vão subindo o monte,
Vão com os olhos pregados no horizonte,
Vendo formar-se o temporal das dores!...

Gladiador

Ei-lo de pé na arena! O gládio ao ar
Suspendendo na destra laureada!
O acaso é fogo e sangue, e em seu olhar
Brilha da luta a flâmula inflamada!

Ei-lo em meio da arena a procurar
Um contendor, e em torno não vê nada!
Leões, panteras, tigres e um jaguar
Jazem mortos na arena ensanguentada!

A fúria então lhe aumenta a ânsia de glória:
– Ver o sangue jorrar! Ver a vitória
De seu gládio laureado de áureos lumes!

E ante o sol, que agoniza às mãos da noite,
Sacode o gládio no ar e vibra o açoite,
– Desafiando feras e até numes!...

Insânia

Meu coração é mau e é muito triste...
Tem a insônia tediosa do oceano!
Ninguém lhe sonde o tenebroso arcano,
Porquanto a morte, a dor, só nele existe!...

E o seu disfarce negro que consiste
Em parecer um lago, – é bem humano:
– Atrai a alma incauta e, então, se assiste
Essa alma sucumbir no bojo insano!...

Meu coração é assim... Louco! Diabólico!
Fascinante qual dédalo simbólico,
Que chama as almas à destruição!

É um mar por onde os nautas já perdidos,
Buscam na própria dor dos seus gemidos
O único beijo de consolação!...

A ironia da Águia

Um dia, uma águia real sobrevoando
As montanhas sonoras do talento,
Viu entre as ondas líricas do vento
Uma aguiazinha as asas ensaiando...

E foi ao seu encontro... e esta, agitando
As asas nesse loiro firmamento
Pousou junto à real, num cumprimento,
Dizendo que a estava procurando:

“ – O’ Magestade ! é um caso assaz medonho!
Lá em baixo há um burrico atro e bisonho,
Que se diz águia e um grande obreiro d’arte!”

E a outra redarguiu, vendo o espantalho:
“ – De ouvi-lo, não te dês a tal trabalho,
Que há vermes e chacais por toda parte!”

A flor e o charco

Ao espírito fulgurante de Sebastião Norões

– Eu represento as cousas superfinas,
As essências, o amor, a juventude!
Tenho a alma das cores matutinas,
E em minha alma de olor canta a virtude!

Minha voz é o perfume das surdinas...
Sou o enfeite da alcova e do ataúde...
E sendo a alma das graças femininas,
Cultúam-me o artista e o homem rude!...

– E eu, que direi, efêmera criatura?
Tua vida é um perfume que não dura...
Sou mais feliz no meu viver insano!...

E num riso de nojo e de ironia,
O charco concluiu: – És fantasia!
E eu represento o coração humano!

Inconstância

Nunca sabe o que quer... Tudo deseja
Este aflito e inconstante coração...
Se hoje ele vibra e sensações poreja,
Amanhã já lhe é morta essa ilusão...

Vive louco por beijos... quando beijo,
– Um pouco satisfeito... um pouco não, –
Voa... pouso... e de novo então adeja
Em busca de uma nova sensação...

Se hoje ele ama e se amanhã odeia,
De tudo foge, mas por tudo anseia,
Ora, dizendo sim... Ora, dizendo não...

E vive assim nessa inconstância louca...
– Ora, beijando um lábio e, logo então,
Louco e triste a fugir da mesma boca!...

Desencantamento

Do sonho a deslizar no encanto das paisagens,
Tendo a alma envolta ainda aos mantos da ilusão,
Eu ia no meu coche azul forjando imagens
Às ânsias de futuro... E, em trêmula emoção,

De um arvoredo eu vi surgindo entre as folhagens,
Erguer-se suntuosa e em festa, uma mansão!
Que luxo! Que luzir! Que tépidas aragens!
Que mundo estranho achei! Que maga sedução!...

Deixando o coche azul, – entrei... nesse lugar
Se ouvia do cinismo o torpe gargalhar,
Saudando da luxúria o ébrio e louco deus!

Conviva, então senti o amor beijar-me a boca!...
Depois... caindo em mim, eu vi, tendo a alma louca,
Que alguém roubara o coche azul dos sonhos meus!...

Contrastes

Amar é palmilhar negro caminho,
Sonhando a luz de uma ridente aurora...
É um sorriso nos lábios de quem chora...
É a ave cega procurando o ninho...

Amar é ter no peito agudo espinho,
julgando que uma luz lá dentro mora!
É um perfume que excita e que devora,
Como o fascínio de um sinistro vinho!

Amar é carregar por sobre os ombros
A alma a sangrar em pústulas e escombros,
Quando a julgamos que só luz emana!...

E assim, nós vamos sempre caminhando...
– A própria alma materializando,
– Para o **triunfo** da matéria humana!...

Os monges

Juntos, vamos seguindo estas estradas...
Monges do sonho, à sorte dos destinos,
Levando nalma a sinfonia dos sinos...
– As almas de ilusões fertilizadas!...

Vamos levando brancas alvoradas
À dor dos caminheiros peregrinos...
Levando da esperança os doces hinos
Às almas no infortúnio enclausuradas!...

Vamos seguindo... O mar, se tem escolhas,
É como a estrada aberta aos nossos olhos,
Onde as almas untamos de conforto...

Quando um tombar nestes perdidos longes,
Serão, num beijo, os olhos dos três monges,
– Círios velando a paz do monge morto!...

Beduíno

De amar tornei-me um louco e errante beduíno,
A sonhar e a vagar nos desertos do amor...
De hora em hora a iniciar e a sonhar meu destino
Num sorriso... num beijo... ou num cálix de flor...

Sempre vejo o meu sonho entre as notas de um hino,
A chamar-me num longo e profundo clamor!...
São miragens abrindo um cenário divino,
Onde há um vulto a bailar entre nuvens de olor!...

E eu me vou... a buscar essa cena divina...
Se o caminho é tão longo – a ilusão me domina,
As miragens buscando em meus braços prendê-las!...

E, se a cena se esfuma, eu, vencido ao cansaço,
Só, poento, infeliz, olho a noite... olho o espaço...
E armo a tenda do sonho e namoro as estrelas!...

No fim

Parti da mocidade desfolhando
As rosas da ilusão, em doce aurora...
Soltando o canto azul, que nalma agora
Eu sinto friamente se apagando...

Na estrada em que segui feliz, cantando,
– De cânticos e flores, que era outrora, –
Escuto tão somente a voz que chora:
Das dores que em minhalma vão florando ...

Pois, hoje – noite fria, eterna, turva, –
Se pouso dessa estrada numa curva,
Tão grande é a dor que em si minhalma sente,
Que o peito meu estua angustiado,
Lembrando os loiros sonhos do passado,
– Na negra realidade do presente!...

Prece

Ó Morte! ó minha noiva descuidosa,
– Fluídica visão dos meus sentidos, –
Por que com tua mantilha nebulosa
Não vens logo ocultar os meus gemidos?

Por que, sombra querida e vaporosa,
– Estrela dos pastores esquecidos, –
Não ouves minha prece tormentosa
E buscas atender aos meus pedidos?!...

Será que nesta vida existe alguém
Que a ti deseje tanto e queira bem,
Como eu que só por ti vivo clamando?

Oh ! Não! Vem... dá-me a graça dos teus braços!
Que eu quero adormecer pelos espaços,
E noutra vida despertar cantando!...

Noturno

(II)

Vejo a noite vazia, exteriormente...
– Num riso de ironias flutuando...
E em ondas de tristezas minha mente
Vai por mundos agônicos vagando...

Estrelas frias... flores murmurando
Lentas saudades, soluçantemente...
– E por tudo em rumores desfilando
Brancas sombras de dor, soturnamente...

Vou fugindo de tudo... e em tudo vejo
Um tristonho, sonâmbulo cortejo
De brancas sombras... vagas... de ansiedade...

Estranhas músicas... e eu vejo, a esmo,
Dentre a noite vazia de mim mesmo,
Teu vulto branco, ó branca, alva saudade!...

A vida

E' sempre assim... o amor por entre flores
Surge iludindo o coração da gente...
E então nós vamos por uns céus de amores,
Beijando a aurora sem pensar no poente...

Em tudo há festa... a passarada... as cores
Da natureza (ígneia canção fulgente!...),
E em tudo um canto a transpirar fulgores,
Num céu de sonhos, fabulosamente!...

E é sem pensar na brevidade amarga
Que as cousas teem, – que vamos nós cantando
Por essa estrada enganadora e larga ...

Pois, só no instante em que o crepúsc'lo ensombra
A tarde ardente, – vemos nós, chorando,
A alma a sangrar nos espinhais da sombra!...

Canto negro da noite do passado

Ó tormento crucial das horas tristes!
Ó ausência do sol! ó noite escura!
Cântico amargo do recolhimento!
Asas de corvo sobre sepultura!

Onde quereis levar-me, ó mão estranha
Feita de sombras e melancolias?
Ao caminho onde as almas desilusas
Buscam termo fatal às agonias?...

Onde quereis levar-me, astro sombrio?
Que país de mistério andais velando?
Ó noite dalma, que sussurro é este,
Pelos ciprestes, fúnebre, passando?...

Ai! foi-se a noite dos meus sonhos ternos...
Desfez-se o riso na canção do pranto!
Ai! do negro caminho eu sou o precito,
Ouvindo o agoiro de um funéreo canto!...

Asas da dor! Asas da morte! Ó asas
Feitas dos grandes arrebatamentos!
Levai-me sob vossas negras penas!
Assim! Assim!... Roubai-me aos sofrimentos!...

Que esquisito perfume há nesta estrada...
Que luar estranho balsamisa os ares...
Noite da dor! ó noite extraordinária!
Confidente final dos meus pezares!

E a sombra, nessa insônia, ia seguindo
Para o fatal tremendo desenlace!
Coroa de goivos sobre a larga fronte...
Camélias murchas lhe toldando a face...

Ó noite amiga que consola os tristes!
Que glórias tive! Que triunfo o meu!
- Essa coroa que desfolha o vento!...
- Esta sentença que o sonhar me deu...

É sinuosa e negra a minha estrada...
A solidão povoa-a, lado a lado...

A viração me leva o último pranto...
- Nem mais chorar ao coração me é dado!

Que berço estranho te encontrei no seio,
Ó vasta noite das desilusões!
Ai! sei que as flores que vicejam aqui,
São trapos de almas e de corações!

Hei-de beijá-las na hora derradeira!
Molhar meus lábios nesse orvalho santo!
Ai, quantas almas como eu passaram
Só por espinhos arrastando o manto!...

Jornadeando

De sonho em sonho eu vou desfalecendo
Pelas escarpas íngremes da vida...
Sem saber quando acaba essa subida
Em que nuvens de pedras vou rompendo...

Veves suponho que já vou descendo,
De coração sem luz... fronte pendida...
E, súbito, ergo a vista seduzida
Pela luz nas montanhas se estendendo!...

E eu me atrevo de novo... e subo... e canso...
E, à proporção que eu, ascendendo, avanço,
Mais desconheço deste anseio o fito:

Veves parece que eu estou sonhando...
Como um pássaro estranho mergulhando
Nas torrentes de luzes do Infinito!...

Duplo segredo

Quelle est donc la femme? . . . Et ne comprendra pas! ARVERS

Há um mistério e um segredo entre nós dois, querida:
Eu sem dizer que te amo e tu sem mo dizeres,
Vamos nós pela aurora esplêndida da vida
Esfolhando a sonhar tristonhos malmequeres...

O meu sonho e o teu sonho, – essa ilusão vertida
Do alto encanto da luz à glória dos prazeres, –
São iguais. E com a alma entre espinhos ferida,
Eu só sei que te adoro e só sei que me queres!...

Mas nosso amor, querida, é um mistério e uma queixa...,
É porta que se abre e porta que se fecha
Em momentos cruéis, em momentos adversos!...

E vivemos assim... Eu... sonhando... sonhando...
E tu... essa visão que eu vejo caminhando
Sobre os pontos de luz das linhas dos meus versos!...

Soneto de natal

Esta manhã, abre-se a flor da aurora,
– Tules em flocos sobre as mãos do vento, –
Como um beijo de luz: Numa pletora
De suavidade e de arrebatamento!

Seja o Azul uma cúpula sonora...
Palpite em tudo um estremecimento,
E a luz, – rouxinolando espaço afora, –
Beije-te a fronte num deslumbramento!

Tudo palpite e cante! e em tudo eu veja
Ilusões panteistas e miragens
Que de um olhar desfaçam-se ao avanço!

E que tua alma alvo pombal me seja,
De onde voem à glória das paisagens
As alvas pombas do teu sonho manso!...

Neurose

Dei-te o meu sonho, minha glória, os planos
De futuro que fiz e os meus desejos.
E ante os teus pés, em mágicos ensejos,
Hinos cantei aos corações humanos!

Depois, vesti, como em festins romenos,
A túnica purpúrea dos teus beijos
Tilintaram as taças em lampejos,
E do amor penetramos nos arcanos!

Embriagamo-nos nós nos loiros vinhos,
Nas essências do amor e dos carinhos,
Num incêndio votivo de emoções!

E sóis e templos, firmamentos e aras,
Tudo rolou numa explosão de taras,
Ao rubro incêndio de dois corações!...

Estranho desejo

Morrer. Levar à campa a vibração e o sonho,
A ideia coruscante e o canto preferido,
E ver todo um cenário em festa, almo e risonho,
Mergulhar na explosão de agônico gemido...

Morrer. E a alma sangrar num delírio medonho,
Ouvindo imprecações do coração ferido,
E sem luz e sem fé e atramente tristonho
Tombar o estro nas mãos do mistério, tolhido...

Morrer... Venha-me a morte assim numa surpresa.
Nem eu murmure adeus olhando a natureza
Nas orgias de luz dos seus cultos pagãos!

Venha-me a morte assim brutal, atra e ferina,
Dês que eu te possa ouvir, ó obsessão divina,
E, num sonho, morrer a te beijar as mãos!...

Convite

Nosso amor, meu amor, foram sementes
Esquecidos por nós quando as plantamos...
E hoje é uma árvore esbelta e traz nos ramos
O milagre dos pomos reluzentes!

E que músicas doces e envolventes!
Ah! que sonhos de amor não desprezamos!...
Olha a cópia irisada e esses recamos
Onde os frutos do amor sonham pendentos!

Olha essa alfombra... doce como os ninhos!
E essa música estranha... esses caminhos
Que a mão do sonho a nossos pés depôs!...

Vem. Dá-me as mãos, dona dos pomos de ouro!
Que essa árvore é uma tenda num céu louro,
E um convite de amor para nós dois!...

Adoração

Gosto de amar-te em meu recolhimento,
Como o artista que adora uma obra rara...
És ao meu sonho a encantadora iara
Do lago azul do meu deslumbramento!...

O teu nome o murmura a voz do vento,
Quando passa a cantar por sobre o igara
Em que passeia numa tarde clara,
Entre nuvens de amor, meu pensamento!

E eu o escuto na paz desse recanto,
Como a harmonia do sonoro canto
Que minha alma sussurra à paz da fronde...

E se tento chamar-te, ao gesto mudo
Calam-se os ventos e emudece tudo,
E aos meus estes de amor ninguém responde!...

Caminhos...

Não. Não hei-de esquecer estes caminhos
Por que passo cantando entre alvoradas!...
Hei-de amor. Hei-de amar estas estradas
Enfeitadas de frutos e de ninhos!...

E estas rosas de sonhos! e estes vinhos!
E a vertigem das curvas perfumadas!...
– Tudo hei-de amar, ante essas luas rosadas
De teus lábios refertos de carinhos!

Não. Não hei-de esquecer os astros vivos
Que contam nos teus olhos pensativos
Um poema azul de sonhos e de anseios!

Sim. Tudo hei-de lembrar, quando, afinal,
Eu me abrigo do amor ao vendaval.
Entre os montes rosados de teus seios ...

Teu corpo

Teu corpo, branca praia onde corais afloram
Num canto matinal de alvuras e harpejos.
Tem conchas de esplendor onde mil ânsias moram,
Quais pérolas de luz arfantes de desejos!

E tudo que esvoaça em trêmulos adejos
Sobre as vagas de amor que no teu corpo choras,
Comparo a essas febris gaivotas dos meus beijos,
Revolvendo e beijando as conchas... que mais coram!

Porém, se tua alma canta aos palmeirais risonhos,
Minhalma, – a voz do mar que canta em tuas areias, –
Desmaia na emoção mais cândida dos sonhos ...

E então, como um praieiro, eu, trêmulo, me vejo
Vagando... e na volúpia ardente das areias,
Roubando a casa concha a pérola de um beijo!...

O espelho

Quando te despes, suave e lentamente,
A camisa a oscilar-te sobre os seios...
– Uma embriaguez de amores e de anseios
Inunda de volúpias o ambiente!

E tuas formas pelo transparente
Das róseas vestes, trêmulas de enleios,
– Ressaltam-se, entre tímidos receios,
Sob a cambraia exuberantemente!

E nua! O corpo teu, – lírio vermelho, –
Faz trêmulo de gozo o mudo espelho,
Que sonha essa volúpia dos teus braços.

E assim te vendo e porejando anseios,
O espelho vive! E, humano, ante teus seios,
– Cai a teus pés, desfeito em mil pedaços!

Faroleiro

Nos mares tumultuosos dos destinos
A alma se perde entre deslumbramentos...
Ora, adivinhando músicos nos ventos,
E ora, de abismo uns fascinantes hinos!...

E vai, – nauta dos sonhos bons, divinos, –
Desvendando pomposos firmamentos!...
– Recreios de emoções e pensamentos,
Os mais seletos, amplos, cristalinos!...

Ó maruja do amor, para um momento !
Dá ferro ao brigue da ilusão! Quê buscas
Nestas paragens, neste mar violento?

Ai, volta! Que teu sonho é embalde, em vão...
Pois nunca encontrarás nas ondas bruscas
As ilhas encantadas da ilusão!

Platonismo

Se, em sonho, os olhos meus repousam no inocente
Botão dos lábios teus aberto a uma alvorada,
– Há delírios de amor cantando nessa estrada
De sonhos que entre nós deitou-se eternamente!...

E assim, quando tua alma estampa-se presente
À flor dos lábios teus e em teu olhar de fada,
– Há colóquios, então, platônicos, em cada
Simples palavra tua ou gesto teu somente!...

Mas, ó voz que desata os cânticos da idade
E os faz pompear em sons os céus da mocidade:
– És tu, rosa do amor, ao vento dos desejos,

Um mistério... um perfume... essa confissão doce
Que leio em teu olhar de luz, como se fosse
Tua boca a pedir-me a lenda azul dos beijos!...

Desengano

Entre anseios de aurora, às rosas da existência
Tendo a alma embalada aos sonhos da ilusão,
Da vida ela sentia a maga sedução,
Com sorrisos de luz e cândida inocência...

Era um anjo. E devia o céu sentir-lhe a ausência.
Sonhava. E a vida lhe era ainda uma canção!...
E ao ver dos sonhos seus nascer uma visão,
Sorriu mais uma vez... do amor à florescência...

A vida conheceu... Transpondo as loiras portas
Do sonho, as ilusões foi vendo todas... mortas!
Como morta lhe estava a alma triste e singela...

Depois... Era da vida a tarde evocativa...
Reviu o seu passado, e errou, em mágoa esquiva,
“ – Um sorriso de dor nos tristes lábios dela!...”

Desolação

Foi aqui... (Como tudo está mudado!...)
Que nós trocamos o primeiro beijo...
Era o céu sempre azul e, lado a lado,
Asas cruzavam-se, em feliz festejo!...

Esta mangueira... o banco ensombreado...
A fonte, livre, o deslizar... o adejo
Das aves... Tudo, enfim, que hoje é passado...
Esse passado que, a chorar, revejo!...

Ah! como é triste agora o céu sem cor!...
Sem ilusões... sem asas ao sol-pôr...
E sem da fonte as plácidas cantigas!...

Ai! como é triste lembrá-la, agora,
Ó vida! ó glória! ó sonho azul de outrora -!
- Ó desoladas sensações antigas!...

A caminho do céu

Alma de recantos, que só a luz povoa,
Que vais seguindo nessa loira estrada,
Onde a trombeta da pureza ecoa,
Por entre flores, em manhã rosada;

Lírio dos céus ! doce visão de fada
Que, agilizada, na esperança voa,
Vai ... – bebe a luz dessa vereda alada,
Onde em clarões a alma dos céus reboa!...

Vai... branca e pulcra, desta vida obscura
Foge depressa, sem deixar que a alvura
De tuas vestes se macule em pó...

Pois, essa estrada por que vais seguindo,
E que vai sempre para o céu subindo,
– É a mesma escada que sonhou Jacob!...

Despertar

Se minha alma já foi uma paisagem fria,
Onde em tudo pairava a névoa das descrenças
É-me agora um cenário, onde imortal magia
Encena sonhos bons, à procissão das crenças!...

Um mistério qualquer mesclado de poesia,
De minha alma no céu, entre emoções intensas,
Fez do sonho se abrir o arco-íris da alegria...
– E a ave da alma adejou nas regiões imensas!...

Voou! e se perdeu no azul dessas distâncias,
Procurando encontrar nos páramos das ânsias
O milagre que ergueu jardins por sobre escolhos!...

E o milagre de luz que me arrojou aos céus,
Encontrei-o ao ver, cantando aos olhos meus,
– Nesses rios de luz que descem de teus olhos!...

Reintegração

Se era minha alma uma paisagem fria,
Sem conhecer a luz dos seus amores,
E onde, a chorar, branco luar descia
Sonhando amor na lividez das flores;

- Hoje é mais triste e mudo e mais sombrio...
Pois, nessa luz que lhe cobriu de albos,
Quanto mais brilho e mais beleza havia,
- Preludiava o vendaval das dores!...

Hoje... fugiste! e tua luz, fugindo,
Deixou um crepúsc'lo pálido caindo
Sobre a alma triste, que de novo chora...

Noite. Procela. O vendaval se agita...
- Enquanto uma ave, entre saudades, grita,
Chorando a ausência de sua luz, aurora!...

Cortejo fantástico

Esta saudade... essas visagens frias
Que vão passando ao meu olhar parado,
Vão amargando fundas nostalgias
No silêncio de névoas do passado...

Vão caminhando brancas e sombrias...
E, à noite negra deste céu fechado,
Umas – lembram-me doces utopias...
Outros – a noite azul do meu pecado!

E todas, no cortejo formidando,
Na ânfora dalma vão-me derramando
De seus gestos de angústia os mais tristonhos!

E na abstração de dor dos meus sentidos,
Passa, macabramente, entre gemidos,
A procissão fantástica dos sonhos! ...

II – SONETOS DE "LUNAMARGA"

Tríptico do espanto

I

Tudo traz sob a pele a sua morte:
a rosa e o sonho dançam sobre o abismo
as formas de uma só fatalidade
trabalhado em equívocos. Sereno,
contudo, é o meu semblante: este é o mesmo
que passeio entre as gentes. A amargura
é disposta em murais pelas paredes
do eu profundo - e me espia. Duro é vê-la
contemplando os meus gestos: de seus olhos
flui um rio de sono, um rio sem barcos,
onde boia meu rosto repartido
em cartazes de espanto... Chove cinzas
sobre as asas de uma ave: e o conto, ausente,
talvez mudo se cumpra eternamente.

II

Amargar o teu peso e nunca mais
o sorriso que vem de não saber-te,

de ignorar teu mistério, de sentir-te
no que apenas supomos e não és.
Ah ! o riso não cabe - e é vão o gesto
para colher o sonho decepado:
a mão ergue-se fria contra o vácuo
onde as sombras tropeçam seus enganos.
Nunca mais - e nos olhos e nas mãos
uma calma de angústias concentradas
ante barcos inúteis que se vão
sobre as águas do Letes... Resta apenas
a invenção de outros mitos: como um fruto
que um dia secará sobre um chão bruto.

III

Um rio corre surdo sob as horas
com seu lastro de cinzas e agonias.
Pesa-lhe sobre o curso um astro doido
que governa suicídios e naufrágios.
Uma lua também, por noite funda,
pende a face amarela sobre as águas
onde boiam pesados de silêncio
restos do que já foi - coisas que dormem
ou só derivam na corrente muda
seus corpos, ora belos, ora corpos
de mágoa e medo - sombras penduradas
em vértices de espantos... Nada conta
nesse rio que rola irreversível
carregado de sonho e de impossível.

Poética

I

Não o poema-verso simplesmente,
mas o poema-coisa, sim : substância
inefável, sim : coisa que funcione
como relógio e o que ele preconiza.

Assim, sem asco aceito-o integral
como uma pedra ou coisa-viva incômoda
que fere e entanto dá-se em forma e gosto
a natureza que a urdiu. Poema:

eia ! deserto povoado. Fruto
onde a fome espreitava a presa. Chuva
onde a sede lavrava seu incêndio.

Incessante doar-se em ponte e veículo
ao evento da coisa - corpo vivo
intato sobre as águas do poema.

II

Antes e após é clara e limpa a mesa,
a despeito de tudo: dos combates,
dos restos de naufrágios e dos ventos
que semeiam suas flores no poema.

É sempre clara e limpa a mesa.
Mesmo quando violentadas as palavras
explodem com seu sangue. Mesmo quando
corto meu coração sobre a toalha

e o sirvo a feras e anjos. Mesmo quando,
de volta das viagens que me invento,
reposo os braços sujos de molusco

sobre o papel. Pois que até quando um incêndio
toma-me a sala e o mundo - e eu sucumbo
nas cinzas do poema - é limpa a mesa.

III

Quero enxuto o meu verso e muito simples
com frescura de terra após a chuva
com palavras-sementes-cernes de onde
nasça a rosa em moldura em noite ou sol.

Quero o verso assim puro e despojado
sem intenções à angústia ou alegria
verso assim fácil como a mão que estendo
às estrelas às fontes ao mistério.

Quero o verso-veículo-e-mensagem
verso-barco-de-pássaros-e-peixes
verso-mar verso-azul verso-cidade.
Verso-verso que lhe abra a porta e diga
vendo-A pura ou coberta de pecados
- entra, amor, te esperava, a casa é tua.

Ciclo marinho

Variações sobre o mar

Um pano cai sobre as horas
e sobre o verde do pano
surgem sofridas memórias

O antigo corpo de ideias

boia num mar indeciso

com peixes lhe tatuando
a inconsistência da pele.

As aves que ontem não vinham

ensinam hoje uma fala
de mar ao marujo morto
de cujos olhos os ventos

ventam auroras no mar.

Os peixes voam também
inaugurando emoções.

II

promessas de trapezista
ao pé da noiva que espera
o incrível salto da morte.

Esse mar tem barcos e ilhas

mas barcos que não suspeitam
das ilhas em que eu me morro.

As aves riscam paisagens
e cartas de navegar -

mas onde o barco em que eu possa
matar a sede de mar?

Meu tédio (ou sono ?) penduro

em meu olhar sem espera.

Depressa, amigos, depressa:
atirem flores ao mar...

Neste barco passageiro

Neste barco passageiro
mal disposto a viajar
eu me invento rotas novas
rotas de nunca chegar.

Mareando esse meu gosto
acre ou ázimo de mar
vou-me impondo amargas provas
sem com elas me importar:

- que este barco de noturnas
solidões vai-se a errar
sob luas e astros doidos

que bem sei onde encontrar
quando embarco e ao barco imprimo
rotas de nunca chegar.

Canto vário

O rosto

Dos olhos que já sorriram
no contraponto dos dias
escorre um sangue noturno
gelado de nunca mais.

Parecem conter o mundo
- janelas sem luz por trás -
a vida, as horas que passam
nos passos cansando o chão.

A estrela cairá madura
do ângulo desta janela
mas seus olhos ficarão:

seus olhos e seu semblante
eternizando de tempo
uma possível paisagem.

Soneto inconstitil

Era de vê-la flutuando
no ar tranquilo da praça
tranquila como seus olhos
ante o sucesso e o regresso
da ronda dos manequins
em seu ofício imutável
de inaugurar sua estréia
sem na saberem reprise
ante os seus olhos que agora
só se vestiam das luzes
alegres de uma surpresa
ante o partir-se de uns pombos;
em pedra e bronze talhados
por seus olhos libertados.

Entreato

Digamos que o que se fez
para ficar, permanece:
não é mister que esperemos
a idade de ouro da messe?

Por ora o campo em repouso,
posto de mitos e angústias,
é referência longínqua
mas não perdida ao apelo
ou gesto com que lhe acenes.

Dês que madura a esperança,
que propicia o milagre,
de novo: música e mel
de novo dia em que o dia
nos será todo alegria.

Soneto

Meu este tempo em construção: a casa:
ilha tranquila e mundo projetado.
O mais, à conta da varanda: as aves
inventando vitrais de asas e sons.

Minha esta casa, que é (ilha e não ilha)
meu tempo-aranha urdindo a teia suave.
Meu este mar vizinho e distraído
com seus monstros e o dorso-ponte-e-campo.

Aqui mora o silêncio. E o afã diuturno
emprenha-o a seu modo e dele nasce
o que me faz e não me faz: esta ilha,
esta casa intocável mas concreta,
aberta às fugas e onde se elabora
este mundo que é meu - para o teu sonho.

Soneto para Jorge de Lima

XIV e XV. Era a hora. E ele sabia
que a alimária viria, os cascos de aço
estalando no chão morno das horas.
Sabia mais: sabia o jogo lúdico
das coisas se inventando no seu sonho.
Sonho e luta e mais luta do que sonho
em que a besta triunfa por instantes
e esse triunfo é apenas o princípio
inexorável do seu fim - que o anjo,
exangue embora e embora ardendo e embora
sob o peso dos cascos, sob o peso
das crinas e do bafo pestilentos,
resiste: e a recria em seu delírio
em possessão angélica e em lírio.

Soneto de espera ou o 1.º da morte

De espera e espera sofro-te em meu canto,
em meu verso e nas coisas que te anseiam.
E mais sofrera se te não sonhara
nem crera em tua vinda, anjo noturno
que virás sobre o mar - pássaro, estrela
ou rosa a se elevar na noite pura -
sem outro anúncio a preceder-te, além
do teu hálito fresco sobre o vale
e esta certeza para além do sonho
de que teus olhos de mistério e flamas
descerão de repente em minha espera
e me destruirás para salvar-me:
que os noturnos jardins florescerão
e nos ventos da noite fugiremos.

III – SONETOS DE "TERRITÓRIO NOTURNO"

Para Edgar Allan Poe

Grande irmão Allan Poe, viajo contigo
na angústia de sofrer e de pensar
na distante Annabel nunca entrevista
senão nas brumas de um perdido luar.
Só metade de nós vive na luz
enquanto a outra em sombras mergulhada
se esvai... e vai mais longe... multifária
lembração de si mesma aprisionada.
Não pensar. Não sofrer. Fora possível
se antes não vislumbrara essa Annabel.
Não agora, porém. Agora é um nome
que anda contigo para além da vida:
o nome que resume tudo em si
da eternamente amada Annabel Lee.

Para meu pai

Sei que sentiste frio, Pai amado,
ao te chegar a hora da agonia:
quando a sombra da noite, dura e fria,
se fez sobre o teu corpo macerado.

Depois, quando era o transe consumado,
algo assim como pena ou dor havia
moldado sobre a tua fisionomia
uma expressão de pranto represado.

Não sei. Só sei que a dor descera fundo
no último instante do teu ser no mundo
sobre o composto azul da tua essência.

Depois... Ah, sim, depois tu te partiste.
E desde então tudo ficou mais triste,
mais triste e pobre com a tua ausência.

Para Epitácio

Sete anos, sim, sete órbitas solares
já viveste entre nós pra nosso encanto,
mudando em riso o que nos fora pranto
e em alegria todos os pesares.

Contigo nossa vida, ao nos chegares,
tornou-se-nos de amor mais plena - e tanto
que em vindo precedeste em luz e canto
a vinda de outros anjos tutelares

que hoje seguem contigo renovando
as promessas de amor que o amor promete
aos que as virtudes lhe vão conjugando.

E, assim, aos teus sete anos me compete
rogar a Deus mais sete vá somando
e outros sete e mais sete vezes sete.

Para Ernesto Penafort

Pra além do mar e além do azul e além
dos astros e das lúcidas estrelas
o que há senão de novo o azul e os orbes
gigantes que em seus vales nos esperam?

Bem sei que o sabes, mas é bom que ponhas
teu sonho para além de todo sonho
e mais alto a esperança e ainda mais alto
o coração – desarvorada vela

singrando esta onda azul em que seguimos
fecundando o amanhã com nossos atos
e reinventando em nós todas as coisas

Para esse azul geral que nos não vemos
bem mais real que este fictício azul
que nos envolve e em nosso olhar retemos.

Para Yacilton Almeida

Com igual dom de comoção e espanto
Captam teus olhos, Poeta, a dor humana
esvaída no asfalto à luz quebrada
das lâminas voltantes ou submersa

onde a cuia conduz a vela ao morto.

Com igual dom teu verso nos revela
tudo o que dói na pele cidadina
e à luz do sol rascante dos sertões.

Com igual dor nos moves nas manhãs
e nas noites que a ambas iluminam
as mágicas lanternas do teu canto.

Com igual dom serves a vida e o sonho
e nos dás a sorver com mesmo gozo
o néctar e o café de fedegoso.

Para Jorge Zúñiga

As pontes já ruíram mas teu verso
inda as sustém erguidas no ar de sonho
em que celebras tua presença abstrata
num chão que se transmuta a cada passo.

As pontes já ruíram mas as águas
que as banham são as mesmas em que um dia
pendeu Narciso a face para a morte.

As pontes já ruíram mas o sopro
longínquo de uma flauta inda apascenta
o habitante das tardes transitórias.

As pontes já ruíram mas teu verso
inda as perpassa num galope - e à face
das rosas em suas bordas abismadas
passa o clarão veloz das madrugadas.

Réquiem

Agora é a hora
clara do dia:
ninguém mais chora
nem há alegria.

Tudo está mudo
suspenso no ar
que sobre tudo
vai desabar.

Deixa tua queixa
teu sonho deixa
fluir em paz.

Sobre o teu rosto
há um sol posto
e um nunca mais.

Soneto de setembro

Eis que volve setembro e traz nos ombros
as clâmides azuis da primavera.

Vem como vinha e como virá sempre:
ressuscitando o verde pelas tardes.

Eis que volve setembro e novamente
o azul amplia o céu e o mar profundo
enquanto o amor retece uma coroa
de flores para a fronte constelada.

Eis que volve setembro e são quarenta
e sete vezes que ele a mim retorna,
e suas asas e seu hausto suave
ainda me aquecem neste claro agora.

Eis que volve setembro. A tarde larga
é ainda a mesma, só que um tanto amarga.

*A volta do cometa**(À MARGEM DE UM POEMA DE JORGE TUFIC)*

A cauda do cometa roça o poema
e envolve-me em seus gelos corrosivos.
E é certo, Poeta, que há cem anos justos
esse cometa por aqui passou.
Nesse tempo de fábula a planície
crestou-se e ardeu ao sol de outros presságios.
E agora, comburida, outra paisagem
contempla-se em meus olhos refletida.
De novo a solidão se recompõe
e ronda vigilante o espaço e a hora
em que sou - e sua música passeia
com seus passos de gata no meu peito.
Ao longe, a tarde desmorona. Perto,
nascendo de meus pés, cresce o deserto.

Soneto de (p)reconhecimento

Em outros tempos eu andei aqui.
Vi modelar-se a face do planeta,
as terras levantando-se das águas
e as coisas uma a uma se inventando
A rosa sendo rosa na atmosfera
sem forma mas em forma de inefável
argila obediente à voz do Verbo.
Nesse tempo de pássaro boêmio
o abismo não havia: só o riso:
as cores se inventando: iris: sol jovem:
menino com trapézio nas auroras
brincando de afogar peixes-crianças.
Ah, o cristal daquele riso róseo
em que as aves urdiram sua linguagem.

Soneto de evocação

Que me fez evocar tua face ausente
e teus olhos e encantos já mudados
e cantar este canto em que ressurges
esculpida em martírio e solidão?

Foi a flor que colhi sem cheiro algum?

O som que me chegou anoitecendo?

A lua que lembrando uma outra Ofélia
me fez buscar tua face de afogada?

Pobre amada, o mistério se desvenda
e se faz claro como o fio de prantos
que abre rios de luas em teu rosto:
esta canção nasceu de tua presença
de fonte dolorosa e ave ferida

que canta enquanto mais lhe punge a vida.

As sombras luminosas

Meu ser anda no tempo e comovido
volve às coisas transpostas à outra margem,
que estremecem ao verem-se focadas
por nosso olhar na solidão vibrátil
em que vivas repousam. É de vê-las
assim tranquilas sob a teia de ouro
de um tempo sem retorno que as retém
intatas para sempre e inatingíveis.

Por elas eu me vou num fim de tarde
a um cais onde é eterna a despedida.
Por elas e suas sombras luminosas
embarco neste barco que algum nume
esqueceu nesta margem – e sua velas
negras se enchem de súbitas estrelas.

Luz branca

Esta luz que me cega e transfigura
dando-me transparência de cristal
restitui-me a mim mesmo e a um tempo vivo
onde sou muito além do que pareço.

Ela vem sobre mim tranquila e pura
e sem anúncio, embora pressentida
em seu escachoar mágico e multi-
dimensional. Vem e me cega. E eu fico

dentro de sua redoma trespassado
pelas felpas azuis verdes e brancas
de seus relâmpagos. E então eu vejo

como quem sai do fundo de um abismo
que Ela me chama com sua voz de eterno
e seus olhos lilases me consomem.

Travessia

Não sei de quantas tréguas se teceram
nossas lutas travadas no silêncio
contra a angústia das horas, contra o peso
tegumentar das fundas solidões.

Hoje escorre dos flancos do silêncio
um halo mensageiro de bonanças
e a tarde é um barco - abstrato e alado barco
em que navego como que à deriva
de um tempo que digere nossos sonhos.

Mas não sei aonde vou (ou sei e vou)
a singrar este céu desmoronado
que um dia me envolveu e me fez triste.

Que eu vou por nau guerreira transportado
atravessando o grande mar sagrado.

De profundis

Não mais, não mais que a luz que há em meus olhos
quero ter nem te peço, ó soberano
poder que ergues a fronte dos abrolhos
sobre os trilhos genésicos do mar.

Não mais, não mais que a luz clara e silente
te peço, sombra. Esfinge, inominada
esfera em que penetro e sou ausente
mesmo tendo em sua órbita meu lar.

Buscar-te (eis tudo) nos faróis que brilham
no grande mar da minha solidão
como algo que jamais se vislumbrou.

E enfim doar-te o que de bom restou
do ser que espera a luz que lhe fugiu
desde que a Tua face se apartou.

Soneto de eternidade

Quando um dia eu me for entre ciprestes,
não mais, ó luz, não mais, perfume e cor,
me envolvereis em vossas castas vestes
nem por meus olhos falareis de amor?

Ora este corpo é harpa tensa e prestes
a vibrar sob o estímulo e o calor
das vossas ondas órficas, celestes,
do vosso doce e cálido esplendor.

Hoje ele pode se abraçar em vos-
sos claros, finos, delicados véus
e amanhã não ser nada mais que pó.

No entanto, ó luz, perfume, cor e céus,
algo de mim vos ficará nadando
nas ondas de ouro que me vão levando.

IV – SONETOS DE "SOB VÉSPER"

Sob vésper

Antes que o grande vendaval me afaste
do teu corpo de pássaros e rosas,
deixa que eu cante uma canção sonâmbula
sob as luas ciganas de teus olhos.

Antes que o grande vendaval me arraste,
deixa-me ter-de como um lírio aberto
na hora crepuscular da tarde ardente
numa varanda toda de jasmins.

Antes que o grande vendaval quebre a haste
das rosas últimas e só espinhos
cerquem-me a fronte – deixa que me mirem
teus olhos, como sempre me miraste.

E eu canto, amor, uma canção de outono
para inundar de pássaros teu sono.

Evocação de vênus

Penso-te e vens nas horas vespertinas
recendendo a jasmims de tardes mornas.
Claros véus se desvelam no ar de sonho
onde colho tua ausência e te restauras.

Penso-te e brilham mais os azulejos
à luz de espelhos da secreta fonte
de onde exsurges coroada de narcisos
com teu passo alongado de gazela.

De que fonte renasces? De que signo
jorra essa luz? É o cântaro que trazes
cheio de águas brilhantes e divinas?

Sigo-te os passos sobre a areia de ouro.
Contemplo-te e meus olhos se iluminam
da luz com que aos mortais nos iluminas.

Profissão-de-fé

Eu cantarei de amor serenamente
mesmo que tudo em volta sejam ruínas.

Mesmo que a dor no coração dos homens
se mova como fera numa jaula.

Eu cantarei de amor ainda que a ausência
de teus olhos vestidos de manhãs
não encha, por ausentes, com seus pássaros,
a terra em que me movo, o ar desta tarde,

as varandas abertas para o sonho
e o mar profundo... Eu cantarei de amor
qual se dissesse o **requiescat in pace**
sobre o corpo de um anjo moribundo

ou cantasse e dançasse uma pavana
de amor mais forte que o pungir da morte.

O cavalo de brahma

É um cavalo claro como a neve.
E com suas crinas de cristal e vento
ele corre as manhãs e as tardes, leve
hausto de paz e claro pensamento.

É um cavalo claro como deve
ser um cavalo sem nenhum tormento.
Um cavalo de luz e luar e neve.
De cascos de ouro e de cristal e vento.

Ele trota sem pressa e sem alardes
nas horas claras, verdes, destas tardes
com a elegância e o repouso dos menires.

Percorre a Terra toda. E vai. E volta.
E de seu falo de ouro ardente solta
o mijo astral de mágicos arco-íris.

V – SONETOS DE "SOB O SOL DE DEUS"

*De um sonho dentro de um sonho
e um rio dentro de um rio*

Ele falou-me de um rio
em cuja margem morava.
E eu lhe indaguei se esse rio
tinha outro rio em sua calha.
– Se queres dizer afluente,
há vários, sim... - respondeu-me.
Mas vou mostrar-te no mapa
sua exata posição...
E deu-me tinta e caneta
e sua jaqueta da cor
do peito de um bem-te-vi.
E em suas pernas escrevi
o poema que estava em mim.
Rio sem princípio nem fim.

Romance

Por toda a longa tarde iluminada
lado a lado fizemos o caminho
e por luas e sóis vamos seguindo.

Chegará todavia, a hora sem margens
em que não nos veremos a nós mesmos,
mas àquilo que formos nós um no outro.

Pois já não te verás, mas só a mim,
e eu já não me verei, mas só a ti.

E indagarás, como a buscar-te a esmo
se algo de ti restara além de mim,
e indagarei, buscando-me a mim mesmo,
se algo de mim restará além de ti.

E irei em frente e em frente seguirás,
a refletir um no outro a própria paz.

Para Saulo de Tarso

Há sete anos, meu filho, Deus te trouxe
ao lar entardecido de teus pais.

E de novo o cristal iluminou-se
e mais alta e mais pura fez-se a paz.

Vi-te em sonho e esperei temendo fosse
vã essa espera e não viesses mais.

Mas nos chegaste e a tarde se fez doce,
cheia de sons e cores matinais.

Que Deus ao bem e às luzes te consagre
e glória e graça e amor saibas render
ao Pai Supremo que te deu o ser.

E a nós, teus pais e irmãos, baste o milagre
(que anula morte, dor e mais reveses)
de Deus ter nos ter dado duas vezes.

Vésper

Já na brisa da tarde a peregrina
estrela rompe os véus do entardecer,
e entre as cinzas do dia que termina
ergue o farol de espelhos do seu ser.

E vai, na breve noite, a dimantina
Vésper, o arco do céu a percorrer,
e do alto para Oeste o curso inclina
do alvo farol de espelhos do seu ser.

Nautas dos mares, nautas do ar, pastores
seguem-lhe o rumo pelos céus serenos,
sem saber que os atraem os resplendores
do corpo amado e esplêndido de Vênus.

E vão, até que a Leste ela desponte,
a preceder Apolo no horizonte.

Morte do Quixote

(Ao Poeta Luiz Bacellar)

Sonhei que eu era um cavaleiro, às tontas,
pelas terras fermosas das Espanhas,
a esgrimir contra agravos e patranhas
à honra, a Deus e a fé. Por tais afrontas,
pelejei e venci, vezes sem contas,
dos inimigos as cruéis entranhas.
Monstros calquei aos pés e, por montanhas
lagos e vales, investi, às tontas.
Como um outro Quixote, lança em riste,
a lutar com moinho ou com gigante,
vi-me a mim mesmo (na figura triste
desse manchego cavaleiro andante)
morrer por minha Dama ou pelo ideal
de achar o Velo-de-Ouro ou o Santo Graal.

O último poema

Sonho que escrevo em sonho o meu último
[poema
e ante página antiga e branca perpassado
pelo leve frisson dos versos se formando
eu me sinto quedar em êxtase ao cuidado
de arranjar sobre a pauta as palavras em fuga
a arrastar-me em seu rastro e a alumbrar-me
[em mistério
com o belo e o divino a mostrar-se e a
[esvair-se
e a deixar-nos tão só sua sombra imprecisa
presas às malhas de sons e às franjas das
[palavras.

E eu persigo o poema. E me volvo a meu Deus,
como a Lhe consignar a música inaudível
das palavras em fuga em seu tropel divino,
a arrastar-me em seu voo e a levar-me em
[paixão
junto à misericórdia e à sombra de sua mão.

De repente ela chega...

De repente ela chega insuspeitada,
sem dizer a que vem, de mão fingida,
e nos leva dormindo à sua morada,
que é paradoxalmente a suma vida.

De repente ela chega impressentida,
a nos mostrar que não existe o nada:
que tudo é sonho - mágica avenida
de sóis, luas e estrelas coroada.

De repente ela vem. Dá-nos a mão
e com ela seguimos de mãos dadas
com amigos e amantes que se vão
a trilhar outra vez novas estradas.

Novas estradas como que nascidas
do que que são ou serão as nossas vidas.

Vem a mim, que me tardo

Vem a mim, que me tardo, e me encaminha
ao mistério inefável do Teu ser,
onde se abismam nossas vãs quimeras
e aonde despertos nós iremos ter.

Abra-se a estreita porta e a vista minha
se extasie na graça única de ver
o país onde eternas primaveras
iluminam-se ao sonho do Teu ser.

Se descer é subir, desça eu Contigo
ao tremendo lugar do fausto abrigo,
sob o clarão da espada iluminante.

E eu possa, enfim, Te contemplar no instante
de glória plena e de imortal beleza
em que admites os teus à Tua mesa.

Do eterno retorno

Antes andei pelo país das sombras
e o rio do esquecimento transportou-me
às margens da manhã, brancas e frias.

Depois me vi em pleno meio-dia,
quando a sombra e calcada aos nossos pés
e os ângulos se apagam sob o Sol
e os espelhos dos vértices esplendem
e o ápice sagrado é pura luz.

Então sobre as areias escaldantes
meus pés cruzaram todos os desertos
meus olhos viram todas as paisagens
e... já de novo as sombras se me acercam
para que um outro ciclo sempiterno
erga o cenário do retorno eterno.

Do eu real

Não o cântico mudo (ou sua ausência)
mas cântico que invade o áureo recinto
onde o Eu supremo, em sua divina essência
desvela-nos os olhos - quando extinto
o sonho obscuro, a material demência
que elabora o animal e o labirinto
de onde só fio de amor e inteligência
nos leva a luz e a paz do áureo recinto.

Ali é o templo do Eu real, o ser
do qual a mente como o corpo obtém
a sua vida - e o prêmio para quem
a regra de ouro ousar usar souber:
“Conhece-te a ti mesmo.” É tudo. E só.
Pra transmutar em ouro eterno o pó.

Soneto vespéral

Tarde e manhã Vésper sobre o rio.
Noite e lua se foram. Brilha a estrela.
E a mesma face ao sopro do rocío
sob os véus transparentes se revela.

Já não mais repartida. O que era espanto
e medo fez-se calma e fez-se gesto
que se traduz na precisão do quanto
é o cômputo em si mesmo manifesto.

Sob Vésper segue o rio renovado
as águas luciverdes de outro rio,
cujo delta sagrado arde ao estio
do futuro - presente do passado.

E o que era morto vive, como em sonho,
além das portas de ouro que transponho.

Do advento

As sombras sepultaram seus cadáveres,
as águas renovaram-se nas calhas,
floriram novamente as velhas árvores
e o vinho iluminou as pétreas talhas

De novo a paz se fez na dor dos mártires,
em luz viva tornaram-se as mortalhas
e um brinde ergueu-se aos céus nos altos

[cálices

pela paz do Menino sobre as palhas
Outra vez vem a luz que O anuncia
desde o Oriente, pela voz dos Magos,
com a Boa Nova para o novo dia.

Outra vez vem a luz de áureos afagos.

Luz que se ergue entre os homens. Luz

[dos céus.

Luz que transubstancia o próprio Deus.

Do Cristo Jesus

Uno e trino com o Pai e o Esp'rito Santo,
Tu nos buscaste e não Te recebemos.

E a Ti, que eras a Luz da qual nascemos,
preferimos da Treva o falso encanto.

Alfa e Ômega, princípio e fim de quanto
visível e invisível, cremos
que És a Via, a Verdade e a Vida. Extremos
que se espelham e fulgem no Teu manto.

Por Ti todas as coisas foram feitas
e ao dar-nos Tua imagem e semelhança
e pôr-nos entre as coisas mais perfeitas,
quiseste entre as crianças ser Criança
e Sábio entre os mais sábios dos doutores,
para encanares nossas próprias dores.

Do segundo advento

Sei que um dia virás, ó Cristo-Rei,
sobre as nuvens dos céus com Teu poder
e majestade pra aplicar a lei
do Teu Reino de amor a cada ser

que digno seja de Tua glória. Eu sei
que És o que era, o que é e o que há-de-ser,
e virás escolher a santa grei
dos que em Ti imortais não de viver.

Virás segunda vez, Divino Mestre,
e purificarás o orbe terrestre
para em terra dos homens o tornar.

Virás, Senhor, com Teu carisma e glória,
para outra vez reiniciar a História,
sob a luz mansa e azul do verbo amar.

VI – SONETOS DE "OURO, INCENSO E MIRRA"

Sinais

Jesus muda a água em vinho

Nas bodas de Caná faltara vinho,
e Maria a Jesus o faz saber
e diz aos serviçais que ouçam seu Filho.
Havia ali seis talhas de uns cem litros,
e Jesus manda que lhas encham de água
e sirvam em seguida ao mestre-sala,
que prova a água convertida em vinho
e, sem saber-lhe a origem, diz ao noivo:
“Todos servem primeiro o melhor vinho
e, quando os convidados estão bêbados,
servem o pior. Você, porém, guardou
o vinho bom para servi-lo agora”.
Foi assim, numa festa de sponsais,
que Jesus deu começo aos seus sinais.

Jesus cura o filho do funcionário

Jesus voltava para a Galileia
e eis que O busca em caminho um
[funcionário
e roga que lhe salve o filho enfermo
que em sua casa, distante, agonizava.
Vendo Jesus a fé que nele ardia,
diz-lhe: “Pode ir. O seu filho está vivo”.
E ao voltar para casa o homem depara
com criados que, vindo ao seu encontro,
repetem-lhe as palavras de Jesus:
“O seu filho está vivo!” E ao se informar
sobre a hora em que o jovem melhorou,
vem o pai a saber, exatamente,
que a saúde ao enfermo retornara
no mesmo instante em que Jesus
[falara.

A multiplicação dos pães

Subiu Jesus a um monte e, ali sentado,
com os seus, olha a grande multidão
(de uns cinco mil) que vinha ao seu

[encontro,

e pergunta a Felipe (pra testá-lo):

Onde comprar o pão pra que eles

[comam?"]

“Nem meio ano de ganhos bastaria
para dar um pedaço a cada um deles.”

E André: “Aqui há um rapaz que tem
cinco pães de cevada e mais dois peixes.

Mas o que é isso para tanta gente?”

Jesus pegou os pães (e os peixes),
agradeceu a Deus e os distribuiu.

E das sobras dos pães ali comidos
doze cestos restaram recolhidos.

Jesus cura o paralítico

Havia, perto de Jerusalém,
junto à chamada Porta das Ovelhas,
uma piscina cujas águas, quando
se agitavam, curavam qualquer mal.

Ficava ali um homem paralítico
que era, há muito, doente e ao qual Jesus
perguntou: “Você quer ficar curado?”

E o doente respondeu: “Senhor, não tenho
ninguém que me conduza até à piscina,
quando as águas se estão movimentando
Sempre outro chega ali antes de mim.”

Disse Jesus: “Levante-se e caminhe.”

No mesmo instante o homem se
[viu curar,
pegou a cama e começou a andar.

Jesus caminha sobre as águas

Ventava muito e o mar de Tiberíades era agitado, quando alguns discípulos, tomando a barca, foram-se à outra margem, rumo à cidade de Cafarnaum.

Já haviam remado uns seis quilômetros e era já noite, quando perceberam que Jesus caminhava sobre as águas e vinha ao seu encontro. Então temeram, pensando estarem diante de um fantasma. E Jesus lhes falou: “Sou eu. Não temam.” E ele entrou para a barca. E logo estavam chegando à terra. E muitos perguntavam como, tendo ficado na outra margem, realizara Jesus aquela viagem.

O cego de nascença

Vendo Jesus um cego de nascença, ensina que nem ele nem seus pais pecaram, mas que é cego pra que nele manifestem-se as obras de Deus Pai.

“Importa trabalhar enquanto é dia. Chegando a noite já ninguém trabalha. Enquanto estou no mundo eu sou a luz do mundo.” Isto dizendo, ao chão cuspiu, fez barro com a saliva e, com o barro, ungiu do cego os olhos - e mandou-o lavar-se na piscina de Siloé (que quer dizer piscina do Enviado). E o homem cego foi e se lavou e de lá enxergando retornou.

Ressurreição de Lázaro

Maria de Betânia e sua irmã
mandam chamar Jesus para ver Lázaro
já quase agonizante. E, onde Ele estava,
se deixa demorar por mais dois dias
e afirma aos seus que Lázaro dormira.
Depois, abertamente, diz que Lázaro
está morto e que irá ressuscitá-lo.
Em Betânia há só luto e todos choram.

Lázaro estava morto há quatro dias
e já cheirava mal, diz-Lhe Maria.
Mas Jesus manda retirar a pedra,
pra que a glória do Pai O glorifique.
E dá graças a Deus e clama forte
e traz à vida o que se fora à morte.

Parábolas

O filho pródigo

Dissipado o quinhão que lhe tocara, volve ao pai, andrajoso, o filho pródigo e pede que o perdoe e lhe conceda

como os seus empregados ser tratado.

O pai o acolhe e, cheio de alegria, manda vestir-lhe a sua melhor veste e preparar-lhe o seu melhor novilho e convidar a todos para a festa.

E aos protestos do filho primogênito de que nunca tivera festa igual, responde o pai: “Tu sempre estás comigo e tudo o que possuo é teu, enquanto este estava perdido e foi achado, estava morto e foi ressuscitado.”

A ovelha perdida

Então Jesus contou esta parábola.

Se tu tens cem ovelhas e uma perdes,
não é que deixas as noventa e nove
para ir atrás da ovelha então perdida?

E, achando-a, não a pões logo nos ombros
e reúnes amigos e vizinhos
para dizer: **Alegrem-se comigo!**
que encontrei minha ovelha tresmalhada?

Assim, eu vos declaro que haverá
no céu uma alegria bem maior
por um só pecador que se converte
que por noventa e nove que são justos.

Mais por um entre os que perdidos eram
que por tantos que nunca se perderam.

O fariseu e o publicano

Propôs Jesus a alguns esta parábola:
Dois homens vão ao templo pra rezar;
um, fariseu, e o outro publicano.

O fariseu rezava assim: “Meu Deus,
agradeço por não ser como os outros:
ladrões e injustos como o publicano;
jejuo duas vezes por semana
e pago o dízimo do que possuo.”

E o publicano nem sequer ousava
erguer os olhos, mas batia ao peito,
pedindo a Deus perdão por seus pecados.
“Só este”, diz, “voltou justificado.

Pois quem sempre se exalta
[é humilhado
e aquele que se humilha é exaltado.”

O jovem rico

Ao dizer-lhe Jesus: “Vende o que tens, dá-o aos pobres e segue-me depois, o jovem rico ficou triste. E foi-se.

E Jesus comentou: “É mais difícil

um rico entrar no céu do que passar um camelo no fundo de uma agulha.”

E, respondendo a Pedro, que dissera:

“Nós tudo abandonamos pra seguir-Te”,

acrescenta: “Em verdade, todo aquele que, por amor de mim e do Evangelho, deixar casa, irmãos, pais, filhos e terras, receberá, ainda neste mundo,

cem vezes mais (da fonte sempiterna)

e no mundo futuro a vida eterna.”

Jesus, senhor do sábado

Num sábado Jesus ia passando por um campo de trigo. E seus discípulos, debulhando-as, comiam as espigas.

Vendo-os, então, uns fariseus disseram:

“Por que violais a lei, se ela o proíbe?”

Disse Jesus: “Não leram o que Davi e os seus fizeram, ao sentirem fome?”

Davi entrou na casa do Senhor, pegou os pães a Deus oferecidos, comeu e ainda os deu aos companheiros.

No entanto, tão somente os sacerdotes poderiam comer daqueles pães.”

E acrescentou: “(Que importa se eles [comem?])

Do sábado é senhor o Filho do Homem.”

Parábola dos talentos

Um homem rico chama os empregados e empresta ao mais capaz cinco talentos, dois ao outro e um único ao terceiro.

O primeiro, dos cinco faz mais cinco; o segundo, dos dois produz mais dois e o terceiro devolve-lhe o talento dizendo que, com medo de perdê-lo, deixara-o enterrado. E o homem rico manda dar ao primeiro dez talentos; ao segundo, os seus dois e ainda mais e, ao terceiro, retira-lhe o talento e dá-o ao que tem dez para que o faça frutificar multiplicado ao vento e não fique enterrado esse talento.

Jesus e as crianças

Então, os pais trouxeram suas crianças para que Ele as tocasse, e seus discípulos repreendiam os que as apresentavam. Vendo-os, Jesus se desgostou e disse:

“Deixai-os vir a mim os pequeninos, porque deles é o Reino de meu Pai. Em verdade vos digo: Quem o Reino de Deus não receber como uma criança, nele não entrará. “Então, Jesus abraçou-as e lhes impôs as mãos e abençoou-as. (E por todo o sempre esse aviso divino nos ensina que para entrar na bem-aventurança só recebendo-a como uma criança.)

Os dez leprosos

Indo Jesus para Jerusalém,
aconteceu passar por Samaria.
E quando já chegava a um povoado,
dez leprosos vieram-Lhe ao encontro.

E de longe gritaram: “Jesus, Mestre,
tem compaixão de nós!” Ao que Jesus
disse: “Vão-se mostrar aos sacerdotes.”

E eis que em caminho eles ficaram limpos,

Ao ver-se limpo, um deles retornou
dando graças a Deus em alta voz.

E Jesus perguntou: “Não foram dez?
Por que só um me vem, e os nove não,
para dar glória e agradecer ao pai?
Tua fé te salvou. Ergue-te e vai.”

O semeador

O semeador saiu a semear.
E eis que alguns grãos caíram pela estrada
e logo vieram as aves e os comeram.
Em solo pedregoso, outros caíram
onde a terra era pouca e germinaram
mas ficaram crestados e secaram
por falta de raiz. Caíram outros
em meio dos espinhos e os espinhos
cresceram logo e logo os sufocaram.
Outros dos grãos caíram, finalmente,
em terra boa e deram muitos frutos:
alguns cem, uns sessenta e uns
[outros trinta
por um. Quem tem ouvidos para ouvir,
ouça. (A parábola vou traduzir.)

II

Eis a parábola do semeador.
Quando alguém ouve, mas não a entende,
a palavra do Reino lhe é roubada:
É a semente caída pela estrada.
A que caiu em solo pedregoso
é o que a recebe alegre, porém, logo
cede e esmorece ante as tribulações.
A semente caída entre os espinhos

é a palavra caída entre os cuidados
mundanos e que frutos não produz.
Mas aquela caída em terra boa
é o que escuta a palavra e que a conserva
e produz frutos (para o bem
comum)
uns cem, sessenta e, alguns, trinta
por um.

A boa semente e o joio

O Reino é como um homem que lançou em seu campo a semente dadivosa.

Mas enquanto dormia toda a gente veio o inimigo e espalhou o joio

em meio ao trigo e logo foi-se embora.

E quando o trigo pôs-se a espigar e apareceu o joio, o dono disse:

“Isto foi feito por um inimigo.”

E à sugestão dos servos pra arrancá-lo,

“Não”, respondeu, “para que não suceda que ao arrancar o joio vá-se o trigo.

Deixai que cresçam ambos para a ceifa.

O joio, pra queimar, tirai primeiro e o trigo recolhei-o a meu celeiro.”

Zaqueu, o publicano

Jesus atravessava Jericó.

E Zaqueu, homem rico e publicano,
querendo-O conhecer subiu a uma árvore,
porque era baixo, e grande a multidão.

Ali chegando, diz Jesus: “Zaqueu,
desce, que eu hoje ficarei contigo.”

E o povo murmurava, por Jesus
hospedar-se com gente pecadora.

Sentindo-se feliz, Zaqueu promete:

“Metade de meus bens darei aos pobres
e, se alguém defraudei, dar-lhe-ei o
[quádruplo.]”

E Jesus, por ter salvo um pecador:

“Hoje entrou nesta casa a salvação;
pois também ele é filho de Abraão.”

Trabalhadores da vinha

O Reino é como o dono de uma vinha
que bem cedo saiu a contratar
trabalhadores para a faina diária.

E às nove e ao meio-dia e às três e

[às cinco,

Inda voltava à praça e os contratava,
após saber que estes ali ficavam
ociosos por não os terem contratado.

E ao fim da tarde o dono os chama e paga
igual diária a todos, começando
do último ao primeiro. E aos que murmuram,
presumindo que mais merecem, diz:

“Se eu dou do que é meu, dou-o como

[quero.

Os últimos serão, pois, os primeiros
e os primeiros serão os derradeiros.”

Parábola dos servos devedores

O Reino é como um rei que quis fazer as contas com seus servos e chamou o que dez mil talentos lhe devia.

Este, sem ter com que pagar, pediu-lhe que dele se apiedasse. E o rei perdoou-o, Mas, este servo, vendo um companheiro que lhe devia cem dinheiros, logo fez que o metessem na prisão. Então, o rei chamou-o e disse-lhe: “Mau servo, porque me suplicaste eu perdoei-te toda a dívida. Não devias, pois, compadecer-te de teu companheiro?”

E o rei, irado, pô-lo na prisão, até pagar ao último tostão.

Parábola das núpcias do filho do rei

O Reino é como um rei que fez as núpcias do seu filho. E, ao banquete, os convidados, embora instados, não compareceram, ultrajando e matando os que os chamavam.

E o rei exterminou os homicidas e queimou sua cidade. E mandou vir quantos fossem achados, bons ou maus, de modo a encher a sala do banquete.

E o rei entrou na sala e viu à mesa um homem sem as vestes nupciais, que emudeceu ao ser-lhe perguntado como entrara. E o mandou pôr para fora.

Porque muitos (ao Reino) são chamados mas poucos pela escolha contemplados.

Sermão da montanha

§ I. Das bem-aventuranças

Felizes os que são pobres de espírito,
porque deles é o Reino de meu Pai.

Felizes os que choram suas dores,
porque terão consolação e paz.

Felizes são os mansos, os tranquilos,
porque em verdade possuirão a terra.

Os que têm fome e sede de justiça,
porque sua fome e sede cessarão.

Felizes os misericordiosos,
porque alcançarão misericórdia.

Felizes são os cãndidos, os puros
de coração, porque verão a Deus.

E os pacificadores, irmãos meus,
que chamados serão filhos de Deus.

§ II. O sal da terra e a luz do mundo

Vós sois o sal da terra. Se esse sal
perder sua força, pra que servirá
senão pra ser pisado pelos homens?

Vós sois a luz do mundo. Não se esconde
uma cidade erguida sobre um monte,
nem se acende uma vela para pô-la
sob um alqueire, mas numa parede,
pra iluminar todos que estão na casa.

Brilhe assim vossa luz diante dos homens
para que vejam vossas boas obras
e glorifiquem vosso Pai celeste.

(Brilhe assim vossa luz diante dos homens

Brilhe assim, como exemplo e

[salvação
vossa luz, luz que é paz, luz que é
[perdão.)

§ III. Da nova lei

Ouviste que foi dito: “Olho por olho;
dente por dente”. Porém, eu vos digo:
Não resistais ao mau. Se alguém vos bate
numa das faces, dai-lhe a outra também.

Dai sempre ao que pedir-vos, sem
[voltardes
as costas ao que empréstimo vos pede.

Digo-vos mais: amai os inimigos
e por eles rezai, se vos perseguem,
para que sejais filhos do vosso Pai
que está no céu e faz o sol nascer
e chover para os maus e para os bons.

Não ameis tão somente os que vos amam.
Sedes perfeitos - eis o grande teste -
como é perfeito o vosso Pai celeste.

§ IV. Dos juízos e da esmola

Não julgueis, para não serdes julgados, pois com o mesmo juízo que julgardes sereis também julgados; e com a mesma medida vós sereis também medidos.

Quando derdes esmola, que não saiba a mão esquerda o que a direita fez.

Haverá entre vós quem dê ao filho uma pedra, quando ele pede pão?

Uma serpente, quando pede um peixe?

Se, portanto, vós, mesmo quando maus dais boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai no céu dará

coisas boas e cheias de ternura ao que pede, ao que bate, ao que
[procura.

§ V. De como orar

Orai assim ao vosso Pai Celeste:

“Pai Nosso, Santo Pai que estais nos céus,
santificado seja o vosso nome;

venha a nós vosso Reino e seja feita
vossa vontade aqui como no céu.

O pão de cada dia nos dai hoje,
e dai-nos o perdão de nossas dívidas
como perdoamos nossos devedores;

não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos de todo mal. Amém.”

Assim deveis rezar ao vosso Pai,
como filhos de um Pai que está presente
em toda parte e que, antes que o peçais,
sabe Ele tudo de que precisais.

§ VI. Dos cuidados excessivos

Por que vos inquietais com o alimento
e com que vestireis o vosso corpo?
Vede as aves dos céus, que não semeiam
nem guardam em celeiros e, contudo,
não lhes falta Deus Pai com seu sustento
Porventura não sois mais do que as aves?
Vede os lírios dos campos como crescem:
não trabalham nem fiam. Todavia,
nem Salomão, em toda a sua glória,
se vestiu como um deles. Também Deus
vos vestirá, homens de pouca fé.
Buscai antes o Reino e sua justiça
e tudo vos será acrescentado.
A cada dia basta o seu cuidado.

§ VII. Da eficácia da oração

Ao rezar, não sejais como os hipócritas,
que gostam de exhibir-se pelos templos
para que sejam vistos pelos homens.

Nisso já têm a sua recompensa.

Tu, porém, ao rezares, fecha a porta
de teu quarto e dirige-te a teu Pai
que está presente, mesmo que às ocultas.

E ele, que vê as coisas invisíveis,
te há de recompensar. Mas não deveis
fazer como os pagãos, que falam muito
e que, por isso, julgam-se atendidos.

Rezai e procurai, e o achareis.

Pedi, e o vosso Pai vo-lo dará.

Batei, e a porta se vos abrirá.

Via Sacra

1.ª Estação

JESUS É CONDENADO À MORTE

Chegada é a hora em que o Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos pecadores.

Judas já se aproxima e vem com ele a turbamulta armada de cajados.

Depois do beijo do traidor, é preso e conduzido à casa de Caifás, que o conjura a dizer se é o Messias e o acusa de blasfemo e rasga as vestes.

Quando amanhece, entregam-no a Pilatos, que nele não encontra crime algum e lava as mãos: “Do sangue deste justo sou inocente.” E é solto Barrabás.

Enquanto, escarnecido e vergastado, Jesus à morte vil é condenado.

2.^a Estação
JESUS CARREGA A CRUZ

E zombam o Senhor. Tiram-Lhe as vestes,
põem-Lhe um manto escarlate, uma coroa
de espinhos e uma cana à mão direita,
e Lhe cospem e batem-Lhe à cabeça.
E zombam mais, fazendo-lhe trejeitos
ridículos: “Salve, ó Rei dos Judeus!”
E ainda zombando despem-No do manto
e vestem-Lhe de novo as suas vestes.
Agora O levam para o sacrifício,
pelos mesmos caminhos em que andara
abrindo ouvidos, dando luz aos cegos
e curando aleijados e leprosos.
E ei-lo a caminho, o Eterno Peregrino,
a carregar a cruz do seu destino.

3.^a Estação
JESUS CAI PELA PRIMEIRA VEZ

Longo é o caminho. Os passos do Senhor
avançam lentamente. Desde a noite,
sofrera agravos e tortura e sede.

E é tropeçando e é trôpego que vai.

Como Isaías previra: “Ele entregou-se
e foi ferido sem abrir a boca,
qual cordeiro levado ao sacrifício
ou muda ovelha ante os tosquiadores.”

Ouve as vozes insanas que reclamam
sua morte - e estremece ante o pecado
daqueles que disseram: “Que recaia
seu sangue sobre nós e nossos filhos!”

E tomado de extrema palidez
fraqueja e cai pela primeira vez.

4.^a Estação
ENCONTRO DE JESUS COM A SUA MÃE

Vai alto o Sol. Suor e sangue escorrem
pela face de dor do Nazareno.

Raros dos seus O seguem à distância,
como lhes predissera à hora da ceia:

“Pastor ferido e ovelhas dispersadas,
por mim vós vos escandalizareis.

Mas, em três dias, ao ressuscitar,
eu vos precederei na Galileia.”

Pensa em Maria, sua Mãe, e tanto
lhe basta a retomar a caminhada.

Sabe que a dor da Mãe é igual à sua:
a alma por uma espada trespassada.

E ei-la que vem, do céu a casta rosa,
e ei-lo que encontra a Mater Dolorosa.

5.^a Estação
SIMÃO AJUDA A CARREGAR A
CRUZ

Os soldados têm pressa em acabar.
E vociferam e a chibata estalam.
Mas o Senhor está extenuado
e cada vez mais trôpego caminha.
Saem agora da cidade e rumam
em direção ao monte do Calvário,
onde o Filho de Deus - Deus verdadeiro -
vai ser morto por nós, por nossa vida.
Vendo que os passos do Senhor
[são tardos,
requisitam um homem de Cirene,
que vinha de uma granja, a ajudá-lo,
fazendo-o caminhar sob o madeiro.
E Simão de Cirene honra a Jesus
e O ajuda a levar a enorme cruz.

6.^a Estação
VERÔNICA ENXUGA O ROSTO
DE JESUS

Ei-lo de novo com a cruz ao ombro,
entre apupos e escárnio e zombarias.

Já tem o ombro direito lacerado,
mas é no esquerdo a chaga que mais dói.

Já não sabe onde pôr a cruz pesada,
mas a vai arrastando como pode.

O suor e o sangue apagam-lhe as feições
e é só de dor a sua face amada.

Uma mulher, rompendo a multidão,
traz um véu e desdobra-lhe as três partes
para enxugar o rosto de Jesus.

Verônica é seu nome. O Cristo a fita.

E qual se à Piedade nela olhasse
deixa-lhe ao véu gravada a Santa Face.

7.^a Estação
JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ

Essas horas são horas que não passam,
com o Justo a subir ladeira acima.

Já vai em meio a Via-Sacra e ainda
outras sete estações lhe estão à frente.

Recorda a predição de há poucas horas
e a voz de Pedro a protestar: “Jamais,
meu Senhor e meu Deus, te negarei,
ainda que eu tenha de morrer contigo!”

Sente, de Pedro, a dor de o haver negado
(para na fé firmar-se mais e mais).

E mais aguda é a dor que o dilacera
desde o cabelo à unha menor dos pés.

Já não anda: é arrastando-se que vai.

E outra vez sob o lenho o Justo cai.

8.^a Estação
JESUS CONSOLA AS FILHAS
DE JERUSALÉM

Já se ergueu, novamente, e vai seguindo
entre empurrões e açoites dos soldados,
Seu triste aspecto é contrastante - e mostra
quão mutável é o povo em seus juízos...
A todos olha com ternura e dor:
mesmo ferido e espezinhado, os ama.
E eis que algumas mulheres vêm chorá-Lo,
sem poderem conter a compaixão.
Mas o Cristo as consola e as aconselha
a chorar antes pelo seu destino,
pela dor que o futuro lhes reserva:
“Não derrameis por mim o vosso pranto,
mas chorai, filhas de Jerusalém,
por vossos filhos e por vós também”.

9.^a Estação
JESUS CAI PELA TERCEIRA VEZ

Faltam-lhe apenas uns cinquenta passos
Para chegar ao topo do Calvário.
Sente não ter mais forças para um passo,
e em volta todos rosnam seus rancores.
Sua mãe chora - e é só sua presença
Que o tem feito reerguer-se e caminhar.
Sabe que vai cair, mas também sabe
Que a vontade do Pai se cumprirá.
Está parado. A cruz lhe pesa tanto
Quanto os pecados, quanto as dores todas
que tomou sobre si para salvá-los.
E essa taça de fel ainda está cheia.
E eis que mortal palor lhe cobre a tez
E Jesus cai pela terceira vez.

10.^a Estação
JESUS É DESPOJADO DE SUAS
VESTES

Chegam enfim ao cimo do Calvário
e lhe dão a beber vinho com fel.

Mas, depois de prová-lo, Ele o recusa,
para estar consciente até o fim.

Sabe o Senhor que tudo será feito
para que bem se cumpra a profecia:

“Entre si repartiram minhas vestes
e sortearam (nos dados) minha túnica.”

Está como Isaías predissera:

“Desde as plantas dos pés até à cabeça,
é todo ele uma chaga. Homem de dores
afeito ao sofrimento...” Ele bem sabe
que a disputar-lhe a túnica nos dados
despojam-no das vestes os soldados.

11.ª Estação
JESUS É PREGADO NA CRUZ

Já O põem sobre a cruz. Cravos, martelos
aparecem nas mãos de seus verdugos,
que O pregam e O levantam no madeiro
com a inscrição: “Este é Jesus, o Rei
dos Judeus”. Muitos O injuriam e dizem:
“Tu, que destróis e reconstróis o Templo
em três dias, liberta-te a ti mesmo!

Se és o Filho de Deus, desce da cruz!”

E zombavam do Justo os sacerdotes

E também os escribas e anciãos:

“Que Deus o salve agora, se Deus o ama
pois ele disse: Eu sou o Filho de Deus.”

E o Cristo a perdoar-lhes os pecados,
já tem as maos e os pés à cruz pregados.

12.^a Estação
JESUS MORRE NA CRUZ

Junto à cruz do Senhor está Maria,
e aquelas que O seguiram pra servi-Lo,
e o amado discípulo João.

Já chega a hora nona. Ele os contempla.
E diz à Mãe: “Mulher, eis o teu filho.”
E em seguida a João: “Eis tua Mãe.”
E desde então ele a tomou consigo.

Por fim, diz o Senhor: “Eu tenho sede!”
Dão-lhe a beber vinagre numa esponja
à ponta de uma vara e, após tomá-lo,
diz: “Pai, a ti entrego o meu espírito.”
E acrescenta: “Está tudo consumado.”
E tendo ao ombro reclinado o rosto,
expira, à semelhança de um Sol posto.

13.^a Estação
JESUS É POSTO NOS BRAÇOS DE MARIA

Já é morto o Senhor, assim, tão cedo?
Uma lança lhe faz outra ferida,
De que jorra água e sangue. Então

[Ihe descem

o corpo e o põem nos braços de Maria.

José de Arimateia e Nicodemos,
discípulos ocultos, vêm buscá-Lo,

trazendo linhos, aloés e mirra,
para dar ao seu corpo sepultura.

Já se fez noite sobre a terra. E todos
já se foram; alguns, arrependidos.

Só João e mais poucos veem Maria
dar ao Filho os cuidados derradeiros.

Eis a Piedade a olhar o Filho-Deus,
morto pelos pecados meus e teus.

14.^a Estação
JESUS É COLOCADO NO SEPULCRO

José fizera abrir na rocha viva,
para si mesmo, um túmulo. É ali
que põem o corpo de Jesus - e rolam
grande pedra, selando-lhe a entrada.
Depois, os que O mataram põem guardas
a vigiar o túmulo, pois temem
que os discípulos levem-lhe o cadáver
e digam que Jesus ressuscitou.
Esses mesmos que a luz viram romper
do sepulcro e os rojar desacordados,
instruídos a peso de dinheiro,
mentem, e dizem que, enquanto dormiam,
foram alguns discípulos ao horto
e levaram da tumba o Senhor morto.

Ressurreição

Jesus mostra-se à Madalena

Na primeira manhã depois do sábado,
Madalena e mais outras vão ao túmulo,
com perfumes, e encontram-no vazio
e um jovem de alvas vestes que lhes diz:

“O Jesus que buscais ressuscitou.

Ide e dizei que Ele os precederá
na Galileia. “E muitos O verão
em sua glória e triunfo sobre a morte.

Jesus fala à Maria: “A quem procuras?”

– “Ao meu senhor. Não sei onde O puseram.”

E Ele lhe diz: “Maria.” E ela: “Rabuni.”

E diz a Madalena que O não toque:

que ao seu Deus, nosso Deus, Ele ainda

[vai,

E ao seu Pai, que é também o nosso Pai.

No caminho de Emaús

À tarde, indo a Emaús, dois dos discípulos
falavam entre si do sucedido
(e tinham os olhos como que fechados),
quando Jesus se aproximou e disse:

“Que palavras trocais, que estais
[tão tristes?”

Respondem-lhe: “Não sabes tu das coisas
que têm acontecido nestes dias?”

“Como sois tardos, diz Jesus, em crer
que convinha que o Cristo padecesse
para entrar em sua glória. “E lhes mostrava
o que diziam d’ Ele as Escrituras.

Mas, só vendo-O partir e abençoar
o pão, é que os viajantes de Emaús
veem e sabem que Ele era Jesus.

As portas fechadas

Na mesma tarde da Ressurreição,
Quase noite, reunidos os discípulos,
portas fechadas, Jesus entra
e os saúda: “Que a paz esteja convosco”

E mostra-lhes as mãos e o lado e diz:
“Como o pai me enviou, eu vos envio.”

E dá-lhes o poder de perdoar
e reter o pecado de toda a gente.

Tomé, que estava ausente, ao saber disto,
diz-lhes que só creia se O tocasse.

E ao domingo seguinte Jesus volta
e, mostrando a Tomé suas chagas, diz:

“Tu creste porque viste (que eu sou o
[Cristo])?”

Felizes os que creem sem ter visto.”

A pesca milagrosa

Jesus apareceu aos seus discípulos
junto às águas do mar de Tiberíades
Sete deles haviam ido à pesca
e não pescaram nada, a noite toda.

Pela manhã, Jesus estando às margens
mas sem eles saberem que era o Mestre,
falou-lhes: “Tendes algo pra comer?”

Respondem-Lhe que não. Então, Jesus
diz-lhes que joguem à direita a rede.

E são tantos os peixes, que mal podem
puxar a rede para fora d’água.

E João diz a Pedro: “É o Senhor.”

E ao pisarem em terra veem, então,
um peixe a assar na brasa e, ao lado,

[um pão.

Na Galiléia

Na Galiléia os onze foram juntos
ao monte que Jesus lhes indicara.
E quando O viram e se ajoelharam,
diante dele, uns ainda duvidaram.
Então, Jesus se aproximou e disse:
“Total autoridade me foi dada
no Céu e sobre a terra. Ide e fazei
com que todos se tornem meus discípulos,
batizando-os em nome da Trindade
e ensinando-lhes tudo que vos disse.
E eu convosco estarei todos os dias,
até o fim mundo (em vós presente).”
E eis que, marco e participe da História,
Jesus nos faz herdeiros de sua glória.

Na estrada de Damasco

Eis que Saulo de Tarso indo a Damasco,
com cartas de prisão contra os discípulos,
de repente do céu vem-lhe uma luz
que o faz cair e o cega e assim lhe diz:

“Saulo, Saulo, por que tu me persegues?”

“Quem és, Senhor? Que queres tu que
[eu faça?”

“Em Damasco, Ananias to dirá.

Eis que eu te constituo testemunha
de que me viste e ainda me verás.”

E, em Damasco, Ananias: “Irmão Saulo,
Jesus mandou-me que te cure a vista
e do Espírito Santo sejas cheio.”

E, entre os seus, Jesus dá-lhe nova prova
E o envia aos gentios com a Boa Nova.

Ascensão do Senhor

Depois de sua Paixão e por quarenta dias, Jesus mostrou-se aos seus discípulos. E falou-lhes do Reino e da promessa do Pai, de lhes mandar os dons e a força para serem de Cristo as testemunhas entre os seus entre todas as nações. E eis que é levado ao céu à vista deles, Até vir uma nuvem ocultá-lo.

E ainda eles olhavam para o céu quando dois homens de alvas

[vestes surgem

e dizem: “O Jesus que foi tirado de vós e levado para o céu, virá de outro modo.” E será visto no corpo glorioso e em luz do Cristo.

VII – SONETOS DE "SOLO DE OUTONO"

Ah, agora é o outono desfolhando

I

Ah, agora é o outono desfolhando
as rosas últimas. É o fim da tarde.
Gemem de frio os ventos. Já não arde
em suas asas o sol. E vão passando
os pássaros do outono: asas em bando
que se vão para a noite, sem alarde,
silenciosamente. É tarde. E a tarde,
que intensa ardeu, aos poucos vai findando.
Uma nota desprende-se da pauta
e uma folha desprende-se do galho.
Vai-se ao longe o murmúrio de uma flauta.
Desce dos olhos um secreto orvalho
Vinde, notas de ausência e de abandono.
Vinde, tranquilas, e embalai-me o sono.

Um bandolim passeia pela tarde

II

Um bandolim passeia pela tarde
de carnaval. No olhar de Colombina,
ao longe, alheia-se um Pierrot. É tarde
para escutar-lhe a música divina.
Tudo ficou naquela antiga tarde.
O som da voz e a música em surdina
se esvaindo. Uma vela que em vão arde
e bruxuleia e, trêmula, se fina.
A mascarada rompe de repente
cindindo a tarde com seus sons quebrados.
E ao ar se eleva com seu ritmo quente
o som pagão dos corpos orquestrados.
E eis que o verão arrasta, em vivas cores,
Anas, Teresas, Conceições, Dolores.

*Desce o luar nas ruas silenciosas***III**

Desce o luar nas ruas silenciosas
e uma alva lua pelos céus flutua.

Um perfume sonâmbulo de rosas
nimba de azul as pedras desta rua.

Andam tontas as ânsias amorosas
que a ciranda dos sonhos insinua.

Cobrira o chão de pedras preciosas
só pra vê-la passar por esta rua.

Nesta rua há um bosque e uma princesa
que mantém em suspenso os corações.

Quem comera dos frutos de sua mesa
transformara-os em poemas e canções.

Na rua azul inda ciranda o luar
vozes que se esqueceram de passar.

Vozes que pontuaram serenatas

IV

(Para Cruz e Sousa)

Vozes que pontuaram serenatas
voltam vivas nos filtros do luar.
Nos silêncios frííssimos das pratas
que os plenilúnios vertem sobre o mar.

Voltam sob o veludo das sonatas
vozes dos violões que plangem no ar
as cruz-e-sousianas serenatas
as puras lactescências do luar.

Vozes que evocam burgos e Desterros
por onde o bardo negro, solitário,
digno, tombou com a cruz dos nossos erros
e encheu de cânticos o seu Calvário.

Vozes e sons dos violões que falam
das essências que os versos de ouro exalam.

*Desce a noite no vale e as sombras
cantam*

V

Desce a noite no vale e as sombras cantam
trecalantes canções de fim de dia.

Nada pode igualar-se à nostalgia
das luzes mortas que ainda se levantam
e andam na noite e a própria noite encantam
com marcados compassos de agonia,
enquanto a brisa vai ficando fria
e as sombras soltas pela noite cantam.

Fez-se noite no vale e agora é a hora
de recolher ao ninho o coração
entre as notas longínquas da canção
que em doces vozes o embalara outrora.

Vão-se os últimos pássaros do outono.
Fecha-se a noite. E já me apaga o sono.

Simplicidade

E de novo estaremos na varanda.
E outra vez - viva flor de primavera -
nascerá a palavra em nossos lábios
e aprenderemos todo o seu mistério,
sua matéria e sua beleza e formas,
até levá-la ao luminoso instante
em que ela luz prismática será
e pássaros e rosas na manhã.

Enfim, simplicidade, eis-te tranquila
e repousada: lúcida parábola
que descreveu seu voo e eternizou-se
noutro céu, noutra tarde e outra varanda.

E à sombra dos jasmims ressuscitados
sonharemos os sonhos não sonhados.

No álbum de minha mãe

Saudade. Álbum de fotos e recortes.
E a letra linda de mamãe grafando
nomes e datas... nascimentos... mortes...
Gente a ir-se e a chegar de quando em quando

Saudade. As cantoneiras dos suportes
das fotos são molduras circundando
o passado com suas tintas fortes
num presente que as vai amarelando.

Saudade. E a letra linda de sempre
cessa o registro desses tempos idos
e já transpostos ao eterno oriente.

Saudade E alguém dirá lendo-me o verso:
- Também se foi... E agora estão reunidos
do outro lado, na luz de outro universo.

Era um cavalo só ossos

Era um cavalo só ossos
preso ao moinho sinistro,
a arrastar os seus destroços
como se fosse outro Sísifo,
jungido à pedra que mói
o santo, o covarde, o herói.

Esse cavalo só ossos
moía os próprios destroços
girando a sinistra mó.

Movia como moía
dia-e-noite-noite-e-dia
o coração feito pó.

Era um cavalo só pó
ou sombra de um homem só.

Por entre as faces de um poliedro

Por entre as faces de um poliedro
como entre as fases de um pesadelo
pânico apelo nas multidões
vou decifrando meu próprio rosto
no amaro gosto das decepções.

Busco a mim mesmo claro e distinto
e o labirinto com seus espelhos
a cada volta me incita a ver
num outro rosto de traços graves
o enigma e as chaves do vir a ser.

Busco-me a face definitiva
e não a esquiva de uma ilusão.

Dentre os espelhos quem me oferece
a taça ou a prece, a espada ou a mão?

Nos fins da tarde ou nos confins da noite

Nos fins da tarde ou nos confins da noite
ainda te espero como quando vinhas
trazendo paz ao coração aflito
luz aos olhos e cântico aos ouvidos.

E vinhas simples recendendo à antiga
tarde só de jasmims ataviada
e então ganhava paz o coração
luz os olhos e cântico os ouvidos.

E ainda te espero e sei que vens e quando
chegares chegarão os claros dias
das nossas esperanças fugidias.

Virás num fim de outono roçagando
as tuas vestes nos clarões das tardes
onde aos meus olhos te incendeias e ardes.

*Para Carlos Drummond de
Andrade*

Agora, onde o compasso, onde a medida,
o jeito sábio de tocar os versos
isentos de emoção pelos diversos
caminhos de equilíbrio de tua vida?

Agora, velho Charles, que universos
botam a tua essência como vida?

A ti, que hás visto toda a humana lida,
em seus fados propícios ou adversos?

Que amanheça, bom Carlos, o Caminho
do claro enigma para o claro canto
onde à frente banhada para o espinho
rebrilhe a glória de um orvalho santo.

E amanheça a sorrir nos olhos teus
e nos teus lábios a palavra Deus.

Para Marcus Accioly

Preso à roda de fogo e de serpente
(de Íxion), roda a rodar eternamente,
preso à faina de Sísifo a rolar
penhasco acima a pedra escravizante

e do topo rojá-la e novamente
rocha acima o rochedo transportar,
eis, Poeta, o afã duro e extenuante
que se te impõe e te projeta adiante.

E essas sombras que passam nos espelhos?
E a flor que vês de pét'las amarelas
sob as águas a abrir-te seu sorriso?

Ressuscitam em ti os tempos (velhos),
as formas que não morrem (de tão belas)
e a face e o sonho (eternos) de Narciso.

*Treno andadeiro ao sevilhano João
Cabral de Melo Neto*

Sou parco de imaginação
por isso apenas imagino
andar Sevilha pela mão
de quem se vai a igual destino.

Inda não li mas já sonhei
e vi Sevilha andando e a ir
vendo a Giralda, a cor das pedras
e as águas do Guadalquivir.

Sonhei-me a ir em fim de tarde
ou à claridade azul do dia
entre mantilhas andaluzas
e o andar sensual da Andaluzia.

E a ver, enfim, que maravilha!,
Sevilha a andar e andar Sevilha.

Para Ramayana de Chevalier

Luz de Rama, em teu nome, Ramayana.
resumem-se o calor e a cor do dia.
Dos claros sete dias da semana
que urdiram tua mágica alegria.

Estiveste entre nós. E raro exemplo
eras do instante lúcido e profundo
em que construístes *Os três degraus do templo*,
em teu momento efêmero no mundo.

E passaste entre nós. Tempo fugace
de que só vimos a ligeira face
modelar-se na luz de altos destinos:

na imagem do exilado de outro plano
a projetar no território humano
a sombra de um gigante entre meninos.

Para Max Carpentier

Tu bem sabes, Poeta, que magia
sobre nós de teus versos se derrama.
Como nos banha essa divina chama
e nos envolve em cálida harmonia.

Em ti há um som de avenas que nos chama.
E és pastor que de perto nos vigia
E nos prepara para o grande dia
do que sempre este vínculo e que nos ama.

Cantor do Cristo, a quem Orfeu cedera
a lira de ouro e os sons da primavera
para entoar-lhe as antífonas mais belas,
eis que o chamaste a perlustrar a selva
e a descansar sobre orvalhada relva
os seus pés de andarilho das estrelas.

Para Guimarães de Paula

Os Rebanhos da Fuga estão voltando
ao secreto redil de que partiram.

Os seus velos dourados se curtiram
ao sol dos dias: glória de onde e quando

o sereno pastor os foi tocando
ao som da flauta - e então se dividiram
por grupos ordenados e sumiram
por longo tempo - e agora estão voltando.

Voltam harmonizados pela luz
do ocaso e pela avena que os conduz
junto aos pés e ao cajado do pastor.

Voltam transfigurados e mais belos,
sob a luz que lhes doura os áureos velos,
sob o céu elegíaco do amor.

Para Farias de Carvalho

(Com alusões a Dante e a Pessoa)

Eis que feito o silêncio a madrugada
tomou-te o braço e caminhou contigo
rumo ao Oriente e à estrela entressonhada
pendurá-la sobre o teu jazigo.

Assim chegaste ao termo da jornada
por este belo e provisório abrigo,
a semear para além da pétrea estrada
as sementes douradas do bom trigo.

Estou-te a ver chegando a uma outra Terra
onde a plena visão se nos descerra
e contemplamos o Infinito Amor

O Amor que move estrelas e planetas
e move a mão e o coração dos poetas
a fingir que é fingida a própria dor.

Para Antísthenes Pinto

Numa curva do tempo estás fincado
como estaca de lúcida matéria
de onde a sombra se exila e, dura e séria,
a face espelha um tempo fraturado.

Num chão de angústia e signos constelado
o ossificado canto e agora aérea
flauta de galos, ritos à matéria
celebrando a manhã, o evento, o fado.

Na hora grave em que o carro-luz de Apolo
cruza os céus e nos queima em fogo e lenda,
ergues teu copo - e és tu mesmo oferenda
à sede de hirto cacto a arder no solo.

E eis que em brinde pagão também celebro
teu canto - e a taça do meu brinde quebro.

Lendário e herdeiro de um destino adverso

I

Lendário e herdeiro de um destino adverso,
com a pedra de Sísifo eu errei
soletrando o mistério dos enigmas
e em profundos enigmas me abismei.

“Quem sou?” Clamei um dia ao mesmo abismo.
E ele, em fragor de sombras, respondeu:
“Não mais que a tua sombra”. E a própria sombra
do abismo em suas sombras me acolheu.

Errantes, nesses ermos, pus-me à tona
das águas primitivas e à deriva
das correntes e ventos que me arrastam.

Para onde vou não sei. mas não me escondo,
enquanto as quentes águas me submergem
e fervem esse abismo em que me sondo.

*Este tempo não conta: é tempo
neutro*

II

Este tempo não conta: é tempo neutro
em que sigo à deriva entre outras sombras
a deixar-me enredar por ínvias rotas
e enveredar por não traçados rumos,
somente inscritos na imemória e impulso
que me movem. Notâmbulo e sonâmbulo
tempo que me faz preso ao não roteiro
em que busco o áureo chão onde floresças,
rosa em luta a romper a ruda crosta
e mostrar-se na escarpa – nua e só.
Oh tempo em que hei seguido por desvãos
que nenhum pé humano ainda pisou,
nesta busca incessante, oh pura rosa,
onde enfim contemplar-te e em ti fundir-me.

*Quanto tempo busquei veladas
fontes*

III

Quanto tempo busquei veladas fontes
e encontrei-as em charcos transformadas
E corri rios tardes luas montes
e adormeci na dobra das estradas.

Quanto tempo viajei pelos desvãos
da noite teci redes sobre abismos
e perdi-me por vias de luar.

Quantas vezes me vi em pleno mar
e fui por esse mar desconhecido
ao cais de estranhas terras aportar.

E aportei aos portões escancarados
onde aportam somente os condenados.
E errante errei por ruas desoladas
Sem encontrar as portas procuradas.

Estas estâncias são pra teus ouvidos

IV

Estas estâncias são pra teus ouvidos,
oh amada dos séculos vindouros,
quando teus véus descerem sobre o charco
de onde clamo por ti em sonho e espera.
Importa a dor, se a dor que me espezinha
cessará para sempre ante o clarão
dos teus olhos - e a flor do teu sorriso
expulsará a fúria dos demônios?
Estas estâncias são para os teus pés
que vêm abrindo sulcos de alvoradas
no horizonte de sombras onde pendo
como fardo a pender na escuridão.
Vens e eu te espero, oh flor de luminosas
pétalas feitas da alma azul das rosas.

E penetrei em mundos paralelos

V

E penetrei em mundos paralelos,
onde da vida gestam-se os modelos.

Formas e espaços que ninguém conhece.

Tempo que antes de ser vive e fenece.

Vi, para além dos mundos da matéria,
a modelagem mágica e etérea

de formas do devir em experiência

alheia ao bem e ao mal: a quintessência
da matéria engendrando-se nos seres

de corpos de áureo brilho e altos prazeres.

E árvores que andam com suas raízes,
como em busca de ventos mais felizes.

E vi-te, enfim, na encosta reventada
com tuas pétalas de ouro e de granada.

Para Jorge de Lima *

(À margem do Soneto XIV e XV, canto IV, de Invenção de Orfeu)

XIV e XV. Era a hora. E ele sabia
que a alimária viria, os cascos de aço
estalando no chão morno das horas.
Sabia mais: sabia o jogo lúdico
das coisas se inventando no seu sonho.
Sonho e luta e mais luta do que sonho
em que a besta triunfa por instantes
e esse triunfo é apenas o princípio
inexorável do seu fim - que o anjo,
exangue embora e embora ardendo e embora
sob o peso dos cascos, sob o peso
das crinas e do bafo pestilentos,
resiste: e a recria em seu delírio
em possessão angélica e em lírio.

VIII – SONETOS DE "CREPUSCULARIUM"

Manaus

(A Fernando Alberto de Lima e Silva, sobrinho e irmão)

Um dia, sobre as águas primordiais,
veio o sopro dos deuses fecundar-te,
para que de ti mesma eles nascessem
e lhes fosses, Manaus, mãe dadivosa.
Daí ser Mãe-dos-Deuses o teu nome
e seres para sempre a bem-amada
das águas, das espumas e das lendas.
Foi em teus bosques que nasceu o Amor,
ao som dos cânticos do uirapuru
e da flauta dos pássaros cantores.
E foi então que outros teus filhos vieram
a celebrar, à luz verde dos ramos
e do espelho azulnegro de tuas águas,
tudo o que és em ti mesma e nós amamos.

Via Láctea

É bem de ver uma potranca branca
a correr como um veio de luar
numa colina verdejante e o ar
se eletrizar no andar dessa potranca.

É bem de ver como ela estanca e arranca
com seu passo de dança a se elevar
sobre os caules das pernas com sua anca
de alvo copo-de-leite à luz do luar.

E eis que, imagem gloriosa de alva rosa,
ela ascende aos espaços, vaporosa,
e dança nos abismos constelados.

Mas volve, às tardes, aos virentes prados,
para outra vez se constelar nos astros
do caminho de leite dos seus rastros.

Para Sancho Pança

... E tu, Sancho, o que dizes da topadas
do teu mestre e Senhor de nobre engenho?

O que dizes das armas estropiadas
e das lanças senis de frágil lenho ?

O que dizes, bom Sancho, das aluadas
razões de estar em guarda e vero empenho,
em defesa das damas (mais sonhadas
que vistas em seu duro e fero cenho)?

Ah, não digas que tudo são nonadas!

Que não peleaste pelas mal-amadas,
senão pelas virtudes do teu dono!

Ganhaste a Prefeitura eis tudo, ó Sancho!

E agora que de tudo estás mais ancho,
prepara-te a dormir teu justo sono.

Aos pés de Deus

Eis-me aqui de joelhos aos Teus pés,
Pai Santo, que nos dás a vida e a glória
de uma herança divina, por Quem És,
ó sustento do mundo e luz da História.

Eis-me posto a Teus pés, ó Pai Celeste,
para, obscuro e humilde, agradecer-Te
o bem maior que tudo que nos deste
ao levar-nos por Cristo a conhecer-Te.

Eis-me aqui aos Teus pés milagre e espanto
de poder Te falar e erguer um canto
de Esperança, que é eco de Tua voz.

E eis que clamo, Deus Pai, por Tira vontade,
nos restaures a Fé e a Caridade,
aumentando a Esperança em todos nós.

Ouro, incenso e mirra

Sete sonetos fiz sobre os Sinais
do Cristo em sua passagem pela Terra.
Mais quatorze e mais um sobre o que encerra
a Luz de suas parábolas reais.

Outros sete escrevi sobre o Sermão
da Montanha, e quatorze outros compus
sobre o drama dos Passos da Paixão
e sobre a morte do Senhor Jesus.

Por fim, com outros sete celebrei
a glória do divino Cristo-Rei
no mistério da nossa redenção.

E eis setecentos versos consumados
a quem triunfou da morte e dos pecados
e abriu as portas da ressurreição.

Três sonetos de bar

I

Eu frequento este bar há cinquenta anos.
E sempre à mesma mesa. Os companheiros
estão aqui, à sombra dos arcanos
de onde vêm: claros, vívidos, inteiros.
Ei-los à mesa: Antísthenes, Farias,
Guima, Penna e, adentrando a larga porta,
o Tufic, com as clâmides dos dias
sobrevivos, na glória que o transporta.
Deste bar partem barcos rimbaudianos,
dos quais somos audazes marinheiros,
sirgadores de rios e oceanos.
Ninguém sabe aonde vai o barco errante,
nem quais os seus fantásticos roteiros,
quando se parte e a mesa é um cais flutuante.

II

Se passo na *Jesus*, vejo-o fechado.
Se vou até à *Suam*, está deserto.
Onde pousar as asas, se essas sombras
se exilaram e o sol raios desfere?
Ó Beduíno, eu te invejo a caminhada
do levante ao poente, ao som glorioso

das bandurras que inventas para a noite
e se fazem na noite arcos e pontes
onde o dia amanhece e a claridade
volta a reger os ritmos e as palavras.
São já três horas orbitando o espanto
de estar nesta cidade áurea e inflamada
onde ninguém me vê nem me conhece
e a tarde é uma asa clara que anoitece.

III

Incrível solidão no Bar do Armando!
Estou neste deserto há quase uma hora,
como numa cidade nunca vista.
Onde estão todos, se hoje é sexta-feira?
Cheguei há uma semana. É meio-dia.
E ninguém comparece. O bar deserto
me leva a perguntar se estarei morto
ou se errei de cidade. Não. Manaus
é aqui mesmo. Eis o Teatro... a Praça...
E tudo fala da cidade amada
onde um dia sonhei sonhos de alturas...
Sonhos vãos, já se vê, sonhos de espera,
como a que cumpro à sombra deste bar
aonde as cinzas do tempo vêm pousar.

Versos a tua tristeza

(Para Helvécio, meu irmão, admirador do poema)

Morrem na sombra os bogaris tristonhos.
Pálidos sonhos, delicados sonhos.
E tua beleza pálida e tristonha
tem qualquer coisa de quem sofre e sonha.

Tens a delicadeza dessas flores
que nos seduzem sem que tenham cores.
És triste e doce e a palidez que trazes
é transparente como as leves gazes.

Teu vulto leve algo possui dos ventos,
piedosamente muito leves, lentos.
És muito estranho, muito estranho e suave,
como uma estranha, muito estranha ave.

Teus olhos tristes, piedosos, lentos,
lembram conventos, pálidos conventos.

Morrem na sombra os bogaris tristonhos.
Pálidos sonhos, delicados sonhos.

IX – SONETOS DIVERSOS

*Soneto de Natal**

Veio para resgatar nossos pecados
E para nos dizer que existe um Pai
Que tudo fez e faz e fará sempre
No perpétuo devir do Reino Santo.
Viera ao que era seu e o rejeitaram,
Dando-lhe morte vil, morte de cruz
Viera pra que, Filho muito amado
De Deus-Pai, se fizesse nosso irmão.
Luz que é Caminho, que é Verdade e Vida,
E nos aguarda às portas do seu Reino,
Ele sofre na dor das nossas dores
E é só perdão e é só misericórdia.
E no Natal todo ano Ele renasce
Pra nos mostrar de Deus a Santa Face.

*In: *Letras de Natal* (Revista da Academia Amazonense de Letras), p. 9, dezembro de 2008.

Olhos nos olhos

Alencar e Silva e Max Carphentier

Eu sou aqueles olhos que te olharam
como quem vê na terra alta esperança;
olhos que nos teus olhos se buscaram
para viver da fé que não se cansa.

Eu sou o som das vozes que calaram
para ecoar na bem-aventurança
de um céu dos que jamais desesperaram
de por amor sofrer medos e lanças.

Por isso, Amor, que do alto à terra descas,
eu rezo nos teus olhos a oração
das luzes vivas com que tu me aqueces.

E tu me santificas nos espaços,
levando-me a cantar-te esta canção
à glória que me espera nos teus braços!

Biografia do autor**ALENCAR E
SILVA**

ALENCAR E SILVA é amazonense, nascido a 21 de setembro de 1930, em Fonte Boa, onde estudou as primeiras letras no Grupo Escolar "Estelita Tapajós" e, aos oito anos, viveu o seu primeiro alumbramento cósmico na contemplação de um pôr-de-sol sobre o Solimões, que o fez chorar de tão belo. Filho de Raymundo Ribeiro da Silva e D. Waltrudes de Alencar e Silva, ambos nascidos em Codajás-AM e de pais cearenses, sendo o quinto de uma prole de dez filhos, Alencar viveu sua infância, até os dez anos, entre a cidade natal e a de Codajás, também no rio Solimões, nas quais seu pai serviu como Promotor de Justiça e Juiz de Direito.

Em Manaus, continuou os estudos no Grupo Escolar Marechal Hermes, Colégio São Geraldo e Colégio Estadual do Amazonas, bacharelando-se, posteriormente, em ciências jurídicas e sociais, pela Faculdade Nacional de Direito da UFRJ, sendo inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Rio de Janeiro, cidade por ele muito amada, em que nasceram dois de seus cinco filhos, e onde tem militado na advocacia, no jornalismo e no serviço público federal.

Livros publicados

- 1) *Painéis* (poesia), Imprensa Oficial, Manaus, 1952.
- 2) *Lunamarga* (poesia), Ed. Sérgio Cardoso & Cia. Ltda, Manaus, 1965. 2.^a edição, Casa Editora Madrugada, Rio de Janeiro, 1982. 3.^a edição, Edições Puxirum, Manaus, 1987.
- 3) *Território noturno* (poesia), Casa Editora Madrugada, Rio de Janeiro, 1982. 2.^a edição, Edições Puxirum, Manaus, 1987.
- 4) *Sob vésper* (poesia), Edições Puxirum, Manaus, 1986. 2.^a edição, Ed. Puxirum, Manaus, 1987.
- 5) *Poesia reunida* (reunião dos livros Lunamarga, Território Noturno e Sob Vésper). Ed. Puxirum, Manaus, 1987.
- 6) *Noturno após o mar* (crônicas e poemas em prosa) Casa Editora Madrugada, Manaus, 1988.
- 7) *Sob o sol de Deus* (poesia), Imprensa Oficial, com apoio do Conselho Estadual de Cultura e da Subsecretaria de Cultura do Est. do Amazonas, Manaus, 1992.
- 8) *Ouro, incenso e mirra* (poema em cinco segmentos e cinquenta sonetos), Imprensa Oficial do Est. do Amazonas, Manaus, 1994.
- 9) *Solo do outono* (poesia), Editora Valer, Manaus, 2000. 1.^a reimpressão, 2000.
- 10) *Jorge Tufic: as tendas do caminho* (ensaio), Coleção de Textos Madrugada 3, Editora Realce, Fortaleza, CE, 2004.
- 11) *Crepuscularium* (poesia), Coleção de Textos Madrugada, Editora Realce, Fortaleza, CE, 2008.
- 12) *Quadros da Moderna Poesia Amazonense/Alencar e Silva* – Manaus Editora Valer, 2011.



Alfred Huan
19/10/2011



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA